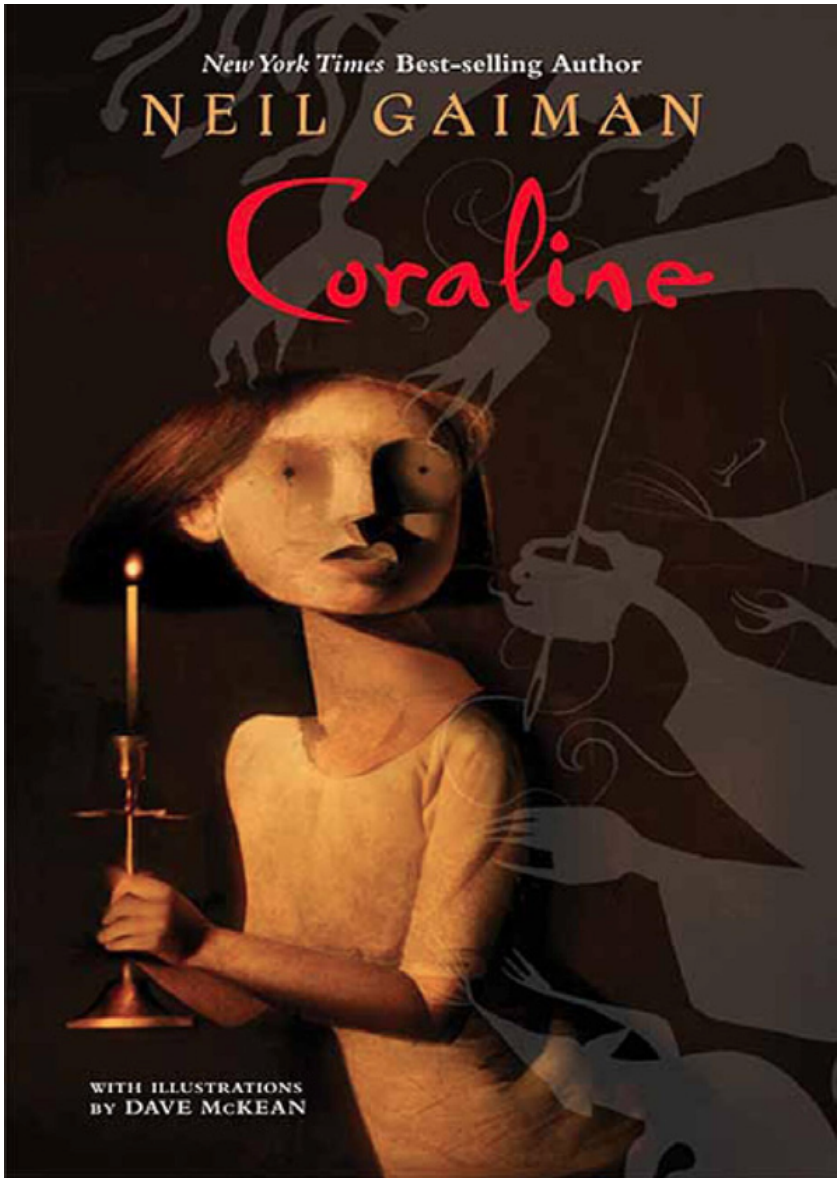

New York Times Best-selling Author
NEIL GAIMAN
Coraline
WITH ILLUSTRATIONS
BY DAVE McKEAN

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

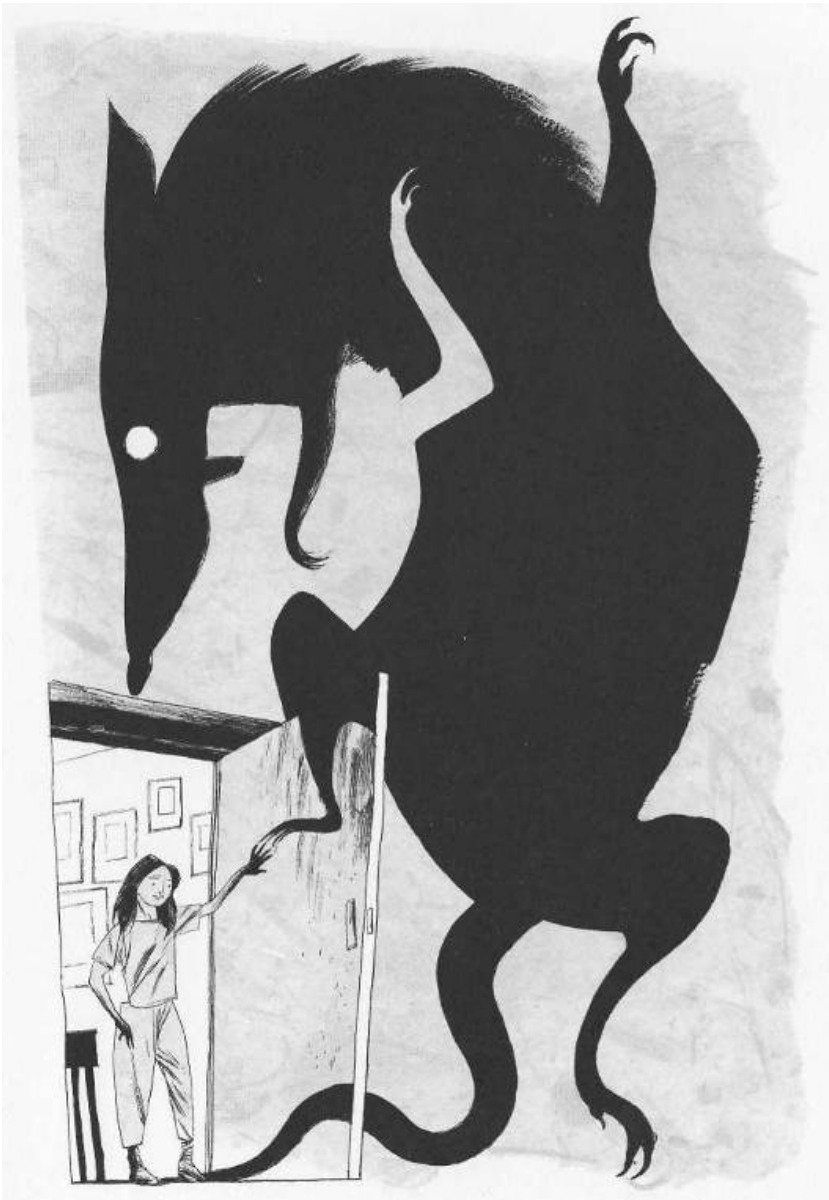
Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF



I.

CORALINE DESCOBRIU A PORTA pouco depois de terem se mudado para a casa.

Tratava-se de uma casa muito antiga — com um sótão sob o telhado, um porão sob o chão e um jardim coberto de vegetação e de árvores grandes e velhas.

A casa não pertencia inteiramente à família de Coraline — era grande demais para isso. A família possuía apenas uma parte.

Outras pessoas habitavam a velha casa.

A senhorita Spink e a senhorita Forcible moravam no apartamento abaixo do apartamento de Coraline, no andar térreo. Eram ambas velhas e rechonchudas e viviam em seu apartamento acompanhadas de alguns terriers escoceses cada vez mais velhos, que tinham nomes como Hamish, Andrew e Jock. Há muitos e muitos anos, a senhorita Spink e a senhorita Forcible tinham sido atrizes, como a senhorita Spink explicou a Coraline quando a conheceu.

— Sabe, Caroline — disse a senhorita Spink, pronunciando errado o nome de Coraline. — A senhorita Forcible e eu éramos atrizes famosas em nosso tempo. Nós pisávamos a ribalta. Oh, não deixe Hamish comer o bolo de frutas ou ficará acordado a noite inteira com dor de barriga.

— É Coraline, não Caroline. Coraline — repetiu Coraline.

No apartamento acima do apartamento de Coraline, sob o telhado, morava um velho maluco que tinha bigodes enormes. Contou a Coraline que estava treinando um circo de ratos. Não deixava que ninguém visse o circo.

— Um dia, pequena Caroline, quando tudo estiver pronto, o mundo inteiro conhecerá as maravilhas do meu circo de ratos. Está me perguntando por que não pode vê-lo agora? Foi isso que perguntou?

— Não — Coraline respondeu calmamente —, pedi para o senhor não me chamar de Caroline. É Coraline.

— O motivo por que você não pode ver o circo de ratos — prosseguiu o homem no alto da escada — é que os ratos ainda não estão prontos, nem ensaiados. Além disso, recusam-se a executar as canções que escrevi para eles. Todas as canções que escrevi pedem para tocar *bum-papá bum-papá.* Mas os ratos brancos só tocam *tlim-tlum,* assim. Estou pensando em experimentar tipos diferentes de queijo com eles.

Coraline não achou que houvesse realmente um circo de ratos. Achou que o velho estava provavelmente inventando aquilo.

No dia seguinte ao dia da mudança, Coraline começou a exploração.

Explorou o jardim. Era um grande jardim: bem nos fundos ficava uma velha quadra de tênis; mas ninguém na casa jogava tênis, a cerca em volta da quadra tinha furos e a rede já estava quase toda apodrecida. Havia um velho canteiro de rosas, repleto de roseiras atrofiadas e com as folhas roídas por insetos. Havia ainda um recanto cheio de pedras e um anel de fadas formado por cogumelos marrons venenosos e moles que exalavam um cheiro horrível

quando pisados.

Havia também um poço. No dia em que a família de Coraline se mudou para lá, a senhorita Spink e a senhorita Forcible insistiram em dizer a Coraline o quanto o poço era perigoso, prevenindo-a para que se mantivesse decididamente longe dele. Por causa disso, Coraline fez questão de explorá-lo, para saber onde ele se encontrava e, dessa forma, poder evitá-lo apropriadamente.

Encontrou-o no terceiro dia, em meio a uma campina de vegetação rebelde, ao lado da quadra de tênis e atrás de um arvoredo — um círculo de tijolos baixo, quase escondido pela grama alta. Alguém o cobrira com tábuas de madeira, para impedir que caíssem nele. Havia um pequeno nó na madeira de uma das tábuas e Coraline passou toda uma tarde jogando seixos e bolotas através do buraco, esperando e contando até ouvir o *plop* que faziam quando atingiam a água bem lá embaixo.

Coraline também explorou o local em busca de animais. Encontrou um ouriço, uma pele de cobra (mas sem nenhuma cobra), uma pedra igualzinha a uma rã e uma rã igualzinha a uma pedra.

Havia ainda um gato preto altivo que se sentava sobre os muros e os tocos de árvore a observá-la, mas que escapulia quando ela se aproximava para tentar brincar.

Foi assim que Coraline passou suas duas primeiras semanas na casa — explorando o jardim e o terreno em volta.

Sua mãe a fazia entrar para o jantar e o almoço. E Coraline tinha que se agasalhar bem antes de sair, pois o verão daquele ano estava muito frio; mas ela saía, explorando todo dia, até o dia em que choveu, e Coraline teve que ficar dentro de casa.

— O que eu faço? — indagou Coraline.

— Leia um livro — sugeriu a mãe. — Assista a um vídeo. Brinque com seus brinquedos. Vá perturbar a senhorita Spink ou a senhorita Forcible, ou o velho maluco do andar de cima.

— Não — disse Coraline. — Não quero fazer nada disso. Quero explorar.

— Não me importo realmente com o que você vai fazer — disse a mãe de Coraline —, desde que *não* bagunce nada.

Coraline foi até a janela e observou a chuva cair. Não era o tipo de chuva sob a qual se podia caminhar — tratava-se do outro tipo, o tipo que se atira do céu e se esparrama por onde cai. Era uma chuva determinada, e, no momento, sua determinação era transformar o jardim em uma sopa molhada e enlameada.

Coraline já assistira a todos os vídeos. Cansara-se de seus brinquedos e lera todos os seus livros.

Ligou a televisão. Pulou de canal em canal, mas só havia homens de terno falando sobre o mercado financeiro e programas de entrevista de auditório. Finalmente achou algo para ver: era a parte final de um programa de história natural sobre uma coisa chamada coloração protetora. Viu animais, pássaros e insetos que se disfarçavam de folhas, galhos ou de outros animais para escapar de coisas que podiam feri-los. Coraline gostou do programa, mas ele terminou logo, e seguiu-se outro programa sobre uma fábrica de bolos.

Estava na hora de ir falar com seu pai.

O pai de Coraline estava em casa. Tanto seu pai quanto sua mãe trabalhavam fazendo coisas no computador, ou seja, ficavam bastante tempo em casa. Cada um tinha seu próprio estúdio.

— Olá, Coraline — saudou ele sem se virar quando ela entrou.

— Mmm — murmurou Coraline. — Está chovendo.

— É — disse o pai. — Está caindo um pé d'água.

— Não — disse Coraline. — Está apenas chovendo. Posso sair?

— O que sua mãe acha?

— Ela disse: *você* não vai sair com um tempo desses, Coraline Jones.

— Então, não.

— Mas quero continuar minha exploração.

— Então explore o apartamento — sugeriu o pai. — Olhe, aqui tem um pedaço de papel e uma caneta. Conte todas as portas e janelas. Faça uma lista de tudo o que for azul. Organize uma expedição de busca ao aquecedor de água central. E me deixe trabalhar em paz.

— Posso ir até a sala de visitas? — A sala de visitas era o lugar onde os Jones mantinham a mobília cara (e desconfortável) que a avó de Coraline lhes deixara quando morreu. Coraline não tinha permissão de entrar lá. Ninguém ia lá. Era reservada para ocasiões especiais.

— Se não fizer bagunça. E não toque em nada.

Coraline considerou tudo cuidadosamente. Então, pegou o papel e a caneta e partiu para explorar o interior do apartamento.

Descobriu o aquecedor de água central (ficava dentro de um armário na cozinha).

Contou tudo o que era azul (153).

Contou as janelas (21).

Contou as portas (14).

Das portas que encontrou, treze abriam e fechavam. A outra — a porta grande e de madeira escura esculpida, no canto mais afastado da sala de visitas — estava trancada.

Perguntou à sua mãe:

— Onde vai dar essa porta?

— Em lugar nenhum, querida.

— Mas tem que dar em algum lugar.

Sua mãe balançou a cabeça.

— Veja — disse a Coraline.

Estendeu o braço e pegou uma corrente de chaves no alto do batente da porta da cozinha. Separou as chaves cuidadosamente e escolheu a maior, mais velha, mais escura e mais enferrujada. Foram em seguida para a sala de visitas. Ela destrancou a porta com a chave.

A porta abriu-se.

Sua mãe estava certa. A porta não dava em parte alguma. Abria-se sobre uma parede de tijolos.

— Quando esse lugar ainda era uma única e mesma casa — explicou a mãe de Coraline —, essa porta abria para algum lugar. Quando dividiram a casa em apartamentos, eles simplesmente a bloquearam com tijolos. Do lado de lá, fica o apartamento vago da outra parte da casa, o que ainda está à venda.

Ela fechou a porta e recolocou a corrente de chaves no alto do batente da cozinha.

— Você não trancou a porta — observou Coraline. A mãe encolheu os ombros.

— Por que deveria? — perguntou. — Não vai a parte alguma.

Coraline não disse nada.

Era quase noite lá fora e a chuva ainda caía, tamborilando contra as janelas e borrando as luzes dos automóveis na rua.

O pai de Coraline parou de trabalhar e preparou o jantar para todos.

Coraline revoltou-se.

— Papai — disse —, você experimentou outra receita.

— É um ensopado de alho-poró e batata, salpicado com estragão e queijo Gruyère derretido — admitiu o pai.

Coraline suspirou. Então foi até o freezer e pegou batatas fritas e uma minipizza de microondas.

— Você sabe que eu não gosto de experimentar receitas — disse ao pai, enquanto seu jantar girava em círculos e os pequenos números vermelhos no forno de microondas iam diminuindo até chegar a zero.

— Se você provar, talvez goste — disse o pai de Coraline, mas ela balançou a cabeça.

Naquela noite, Coraline ficou acordada na cama. A chuva passara. Estava quase adormecendo, quando algo fez *t-t-t-t-t-t*. Coraline sentou-se na cama.

O barulho prosseguiu *kriii..... aaaak*

Coraline levantou-se da cama e olhou pelo corredor, mas não viu nada de estranho. Percorreu o corredor até o final. Do quarto de seus pais, vinha um ronco baixo — era seu pai — e um balbucio ocasional — era sua mãe.

Coraline pensou com seus botões se não teria sonhado com aquilo, fosse lá o que fosse.

Algo moveu-se.

Era pouco mais do que uma sombra e percorreu rapidamente o corredor escurecido como um pequeno fragmento de noite.

Coraline torceu para que não fosse uma aranha. As aranhas causavam-lhe intenso desconforto.

A forma negra entrou na sala de visitas e Coraline seguiu-a um tanto nervosamente.

A sala estava escura. A única luz vinha do corredor e Coraline, que estava em pé no vão da porta, projetava uma sombra enorme e distorcida sobre o tapete da sala — parecia uma mulher magra e

gigantesca.

Perguntava-se justamente se deveria ou não acender a luz, quando viu a forma negra esgueirar-se lentamente de sob o sofá, fazer uma pausa e, em seguida, precipitar-se, silenciosa, pelo tapete em direção ao canto mais afastado da sala.

Não havia móveis naquele canto.

Coraline acendeu a luz.

Não havia nada no canto. Nada a não ser a velha porta que abria para a parede de tijolos.

Coraline tinha certeza de que sua mãe havia fechado a porta, no entanto, esta achava-se ligeiramente aberta agora. Apenas uma fresta. Coraline aproximou-se e olhou para dentro. Não havia nada lá — apenas uma parede feita de tijolos vermelhos.

Coraline fechou a velha porta de madeira, apagou a luz e foi para a cama.

Sonhou com formas negras que deslizavam de um lugar para outro, evitando a luz até que todas se reuniam sob a lua. Pequeninas formas negras, com pequeninos olhos vermelhos e dentes amarelos afiados.

Começaram a cantar:

Somos pequenos, porém muitos

Muitos somos, bem pequenos

Ao topo já vimos te ergueres

Ao tombo nós assistiremos.

Suas vozes eram agudas, sussurrantes e ligeiramente gemidas. Faziam Coraline sentir-se inquieta.

Depois, Coraline sonhou com alguns comerciais e então não sonhou mais nada.

II.

NO DIA SEGUINTE, a chuva havia parado, mas uma névoa densa e branca descera sobre a casa.

— Vou dar uma volta — disse Coraline.

— Não se afaste demais — recomendou sua mãe. — E agasalhe-se bem.

Coraline vestiu seu casaco azul de capuz, seu cachecol vermelho e as galochas amarelas. Saiu. A senhorita Spink estava passeando com seus cachorros.

— Olá, Caroline — falou a senhorita Spink. — Que tempo horroroso.

— Sim — respondeu Coraline.

— Sabe, uma vez eu interpretei Portia — contou a senhorita Spink. — A senhorita Forcible fala da sua Ofélia, mas era a minha Portia a que as pessoas vinham assistir. Quando pisávamos a ribalta.

A senhorita Spink estava embrulhada em suéteres e casacos, parecendo assim menor e mais redonda do que nunca. Lembrava um grande ovo macio. Estava usando óculos de lentes grossas que faziam seus olhos parecerem imensos.

— Costumavam mandar flores para mim, em meu camarim. *Eles costumavam* — disse ela.

— Quem costumava? — perguntou Coraline.

A senhorita Spink olhou ao redor cautelosamente, voltando a cabeça primeiro para um lado depois para o outro, observando com atenção por entre a neblina, como se alguém pudesse estar escutando.

— *Os homens* — sussurrou. Então, puxou os cachorros firmemente pela coleira para aquietá-los e foi-se embora bamboleando em direção à casa.

Coraline prosseguiu a caminhada.

Tinha completado três quartos do caminho em volta da casa, quando avistou a senhorita Forcible em pé, junto à porta do apartamento que compartilhava com a senhorita Spink.

— Viu a senhorita Spink, Caroline?

Coraline respondeu que sim e que a senhorita Spink estava passeando com os cachorros.

— Espero realmente que ela não se perca — isso poderia provocar-lhe uma crise de bronquite, você vai ver — disse a

senhorita Forcible. — É preciso ser um explorador para se guiar nessa neblina.

— Eu sou uma exploradora — afirmou Coraline.

— Claro que sim, amoreco — respondeu a senhorita Forcible. — Agora, não vá se perder.

Coraline continuou a andar pelos jardins em meio à névoa cinzenta. Mantinha a casa sempre à vista. Depois de uns dez minutos de caminhada, estava de volta ao ponto onde havia começado.

Os cabelos caíam disformes e molhados sobre seus olhos e seu rosto parecia um pouco úmido.

— Olá! Caroline! — chamou o velho maluco do andar de cima.

— Oh, olá — respondeu Coraline.

Mal conseguia enxergar o velho através do nevoeiro.

Ele desceu os degraus da escada externa que levava ao seu apartamento, passando em frente à porta de entrada de Coraline. Desceu vagarosamente. Coraline esperou-o ao pé da escada.

— Os ratos não gostam da neblina — disse ele. — Faz com que seus bigodes se curvem.

— Também não gosto muito da neblina — admitiu Coraline. O velho abaixou-se na direção de Coraline, chegou tão perto que as pontas do seu bigode faziam cócegas na orelha dela.

— Os ratos têm uma mensagem para você — sussurrou. Coraline não sabia o que dizer.

— A mensagem é a seguinte: *Não passe pela porta.* — Fez uma pausa. — Isso faz algum sentido para você?

— Não — respondeu Coraline. O velho encolheu os ombros.

— São esquisitos, os ratos. Entendem as coisas errado. Entenderam seu nome errado, sabe? Insistem em chamá-la Coraline, e não Caroline. De modo algum Caroline.

O velho apanhou uma garrafa de leite que estava ao pé da escada e começou a subir de volta para seu apartamento no sótão.

Coraline entrou em casa. Sua mãe estava trabalhando em seu estúdio. O estúdio cheirava a flores.

— O que eu faço? — perguntou Coraline.

— Quando recomeçam as aulas? — perguntou sua mãe.

— Na semana que vem — informou Coraline.

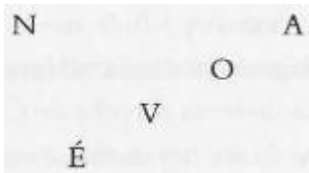
— Hmm — disse a mãe. — Acho que vou ter que comprar um uniforme novo para você. Lembre-me, querida, senão vou esquecer

— e voltou a digitar coisas na tela do computador.

— O que *eu faço?* — repetiu Coraline.

— Desenhe algo. — Sua mãe passou-lhe uma folha de papel e uma caneta esferográfica.

Coraline tentou desenhar a névoa. Dez minutos depois, ainda tinha uma folha branca de papel com



escrito em um dos cantos, em letras ligeiramente onduladas. Resmungou e passou o papel para a mãe.

— Mmm. Muito moderno, querida — avaliou a mãe de Coraline.

Coraline dirigiu-se cautelosamente até a sala de visitas e tentou abrir a velha porta no canto. Estava trancada. Pensou que sua mãe a tivesse trancado novamente. Encolheu os ombros.

Foi ver seu pai.

Tinha as costas voltadas para a porta, enquanto digitava no computador.

— Pode dar a meia-volta — disse bem humoradamente quando ela entrou.

— Estou entediada — queixou-se Coraline.

— Aprenda a sapatear — sugeriu o pai, sem virar-se. Coraline balançou a cabeça.

— Por que você não vem brincar comigo? — pediu.

— Ocupado — respondeu. — Trabalhando — acrescentou. Ainda não tinha se voltado para vê-la. — Por que não vai perturbar a senhorita Spink e a senhorita Forcible?

Coraline vestiu o casaco, ajeitou o capuz e saiu de casa. Desceu as escadas. Tocou a campainha do apartamento da senhorita Spink e da senhorita Forcible. Podia ouvir o latido frenético dos cães escoceses enquanto corriam para a saleta de entrada. Depois de alguns instantes, a senhorita Spink abriu a porta.

— Ah, é você, Caroline — exclamou. — Angus, Hamish, Bruce, já para o chão, amorecos. É só a Caroline. Entre, querida. Aceita uma xícara de chá?

O apartamento cheirava a lustra-móveis e cães.

— Sim, por favor — agradeceu Coraline. A senhorita Spink conduziu-a a uma saleta empoeirada, a qual chamava sala de estar. Nas paredes, havia fotografias em preto-e-branco de mulheres muito bonitas assim como programas de teatro emoldurados. A senhorita Forcible estava sentada em uma das poltronas, concentrada em seu tricô.

Serviram chá a Coraline em uma pequena xícara de finíssima porcelana rosa e um pires. Ofereceram-lhe também um biscoito seco para acompanhar o chá.

A senhorita Forcible olhou para a senhorita Spink, apanhou seu tricô e respirou fundo:

— De qualquer maneira, April. Como estava dizendo, você precisa admitir: ainda há vida no velho cachorro.

— Miriam, querida, nenhuma de nós é mais tão jovem.

— Madame Arcati — respondeu a senhorita Forcible. — A enfermeira em *Romeu.* Lady Bracknell. Papéis de personalidade. Não podem aposentar você do palco.

— Bem, Miriam, nós *concordamos* — disse a senhorita Spink. Coraline perguntava-se se elas não teriam esquecido de sua presença. Não estavam agindo com muito sentido. Chegou à conclusão de que aquela discussão era tão velha e confortável quanto uma poltrona, o tipo de discussão que ninguém nunca perde ou ganha e que pode continuar indefinidamente se ambas as partes assim desejarem.

Coraline sorveu um pequeno gole de chá.

— Posso ler as folhas, se quiser — disse a senhorita Spink à Coraline.

— Como assim? — perguntou Coraline.

— As folhas do chá, querida. Vou ler seu futuro.

Coraline passou sua xícara para a senhorita Spink. A senhorita Spink examinou bem de perto as folhas de chá preto no fundo. Comprimiu os lábios.

— Sabe, Caroline — disse após alguns momentos —, você está correndo sério perigo.

A senhorita Forcible bufou, deixando o tricô de lado.

— Não seja tola, April. Pare de amedrontar a menina. Sua vista está ruim. Passe-me aqui a xícara, filha.

Coraline levou a xícara até a senhorita Forcible. A senhorita Forcible olhou cuidadosamente dentro da xícara, balançou a cabeça e olhou mais uma vez.

— Oh, querida. Você tem razão, April. Ela *está correndo* perigo.

— Está vendo, Miriam — exclamou a senhorita Spink triunfalmente. — Meus olhos estão tão bons como sempre...

— Que tipo de perigo estou correndo? — perguntou Coraline. As senhoritas Spink e Forcible olharam para ela surpresas.

— Aqui não diz — respondeu a senhorita Spink. — As folhas de chá não são confiáveis para esse tipo de coisa. Não, realmente. São boas para as generalidades, não para os detalhes.

— Então, o que devo fazer? — perguntou Coraline, que estava ligeiramente alarmada com o fato.

— Não use verde em seu camarim — sugeriu a senhorita Spink.

— Não mencione a peça escocesa — acrescentou a senhorita Forcible.

Coraline se perguntou por que, dentre os adultos que conhecera, tão poucos agiam com sentido. Às vezes se indagava com quem eles achavam que estavam falando.

— E tome muito, muito cuidado — disse a senhorita Spink. Levantou-se da poltrona e foi até a lareira. Sobre o console, havia um pote pequeno. Destampou-o e começou a retirar coisas de dentro dele: ura pequeno pato de porcelana, um dedal, uma estranha moedinha de latão, dois clipes de papel e uma pedra com um furo no meio.

Passou a pedra com o furo no meio para Coraline.

— Para que serve? — perguntou Coraline. O furo atravessava todo o meio da pedra. Coraline segurou a pedra contra a janela e olhou através dela.

— Pode ser que ajude — disse a senhorita Spink. — É boa para coisas ruins, às vezes.

Coraline vestiu o casaco, despediu-se das senhoritas Spink e Forcible e dos cachorros e saiu.

A névoa envolvia a casa como uma cegueira. Coraline caminhou lentamente até os degraus que levavam ao apartamento de sua família, então parou e olhou ao seu redor.

Em meio à névoa, o mundo era fantasmagórico.

Em perigo? resmungou Coraline. Isto soava-lhe emocionante. Não

soava como algo ruim. De modo algum.

Coraline subiu a escada de volta, o punho cerrado em torno da sua nova pedra.

III.

NO DIA SEGUINTE, o sol brilhava e a mãe de Coraline levou-a até a cidade grande mais próxima para comprar uniformes. Deixaram o pai de Coraline na estação de trem. Ia passar o dia em Londres para encontrar algumas pessoas.

Coraline acenou-lhe.

Foram até a loja de departamentos para comprar roupas de escola.

Coraline avistou algumas luvas verde-fosforescentes que lhe agradaram muito. Sua mãe recusou-se a comprá-las, preferindo, em

vez disso, meias brancas, roupas de baixo azul-marinho para a escola, quatro blusas de cor cinzenta e uma saia cinza escuro.

— Mas, mamãe, *todo mundo* na escola tem blusas cinzentas e tudo o mais. *Ninguém* tem luvas verdes. Eu poderia ser a única.

A mãe ignorou-a; estava conversando com uma funcionária da loja. Falavam sobre qual tipo de suéter deveria levar para Coraline e concordaram que a melhor coisa a fazer era levar um suéter constrangedoramente grande e largo, na esperança de que um dia ela cresceria e o preencheria.

Coraline saiu perambulando e viu uma vitrine de galochas com formas de sapo, pato e coelho.

Depois perambulou de volta.

— Coraline? Ah, aí está você. Onde você se meteu?

— Fui seqüestrada por alienígenas — respondeu Coraline. — Vieram do espaço sideral com armas de raios, mas consegui enganá-los pondo uma peruca e rindo com um sotaque estrangeiro, e

escapei.

— Está bem, querida. Agora, que tal comprarmos alguns prendedores novos de cabelo?

— Não.

— Bem, digamos meia dúzia para garantir — disse a mãe. Coraline não respondeu.

No carro, no caminho de volta, Coraline perguntou:

— O que que tem lá no apartamento vazio?

— Não sei. Nada, espero. Provavelmente se parece com nosso apartamento antes de nos mudarmos. Cômodos vazios.

— Acha que dá para chegar lá através do nosso apartamento?

— Não creio, a não ser que consiga andar através de tijolos, querida.

— Ah.

Chegaram em casa por volta da hora do almoço. O sol brilhava, apesar de o dia estar frio. A mãe de Coraline espiou na geladeira. Encontrou um pequeno tomate tristonho e um pedaço de queijo com coisas verdes crescendo na superfície. Na caixa de pão, restara apenas uma casca.

— É melhor correr até o mercado e comprar alguns bolinhos de peixe ou algo parecido — disse a mãe. — Quer vir comigo?

— Não — respondeu Coraline.

— Como quiser — disse sua mãe e partiu. Em seguida, voltou, pegou sua carteira e as chaves do carro e saiu novamente.

Coraline estava entediada.

Folheou um livro que sua mãe estava lendo sobre povos nativos de um país distante e como eles, todos os dias, pegavam retalhos de seda branca e desenhavam sobre os mesmos com cera. Em seguida, mergulhavam os retalhos em tintas, desenhavam novamente com cera e tingiam ainda mais um pouco. Depois removiam a cera, fervendo a seda em água quente, e finalmente jogavam os retalhos, agora lindos, no fogo para queimá-los até virarem cinzas.

Parecia-lhe algo particularmente inútil, mas torcia para que eles achassem divertido.

Continuava entediada e sua mãe ainda não tinha voltado.

Pegou uma cadeira e empurrou-a até a porta da cozinha. Subiu e esticou o braço. Desceu e foi apanhar uma vassoura no armário de vassouras. Subiu novamente na cadeira e esticou o braço segurando a vassoura.

Chink.

Desceu da cadeira e apanhou as chaves. Sorriu vitoriosamente. Em seguida, encostou a vassoura contra a parede e dirigiu-se à sala de visitas.

A família não usava a sala de visitas. Haviam herdado a mobília da avó de Coraline, juntamente com uma mesa de centro de madeira, uma mesinha lateral, um cinzeiro de vidro pesado e uma pintura a óleo de uma bandeja de frutas. Coraline jamais conseguira entender por que alguém quisera pintar uma bandeja de frutas. Fora isso, a sala estava vazia: não havia bugigangas sobre o console da lareira, nem estátuas, nem relógios; nada que tornasse a sala aconchegante ou habitada.

A velha chave escura era mais fria do que todas as outras. Coraline enfiou-a na fechadura. Ela girou facilmente, com um *clunk* satisfatório.

Coraline parou e escutou. Sabia que estava fazendo algo errado e tentou ouvir se sua mãe estava voltando, mas não ouviu nada. Então, pôs a mão na maçaneta, girou-a e finalmente abriu a porta.

Ela dava para um corredor escuro. Os tijolos haviam desaparecido como se nunca tivessem estado lá. Um odor frio e bolorento passava pelo vão aberto: cheirava a alguma coisa muito velha e muito lenta.

Coraline atravessou a porta.

Imaginava como seria o apartamento vago — se é que o corredor levava até ele.

Percorreu o corredor apreensivamente. Algo nele lhe parecia muito familiar.

O tapete sob seus pés era o mesmo tapete que tinham em seu apartamento. O papel de parede era o mesmo. O quadro pendurado no corredor era o mesmo que havia pendurado no corredor em sua casa.

Sabia onde estava: estava em casa. Não tinha saído de lá.

Balançou a cabeça, sentindo-se confusa.

Olhou atentamente para o quadro pendurado na parede: não, não era exatamente o mesmo. O quadro que tinham no corredor era de um menino em roupas antigas, observando algumas bolhas. Mas

agora, a expressão no rosto do menino era diferente — olhava as bolhas como se planejasse fazer alguma maldade com elas. E havia algo peculiar em seus olhos.

Coraline observou atentamente os olhos do menino, tentando entender qual era exatamente a diferença.

Estava a ponto de conseguir, quando alguém chamou:

— Coraline?

Parecia a voz de sua mãe. Coraline entrou na cozinha, de onde partira a voz. Uma mulher estava em pé, de costas para a porta. Lembrava um pouco a mãe de Coraline. Apenas...

Apenas sua pele era branca como papel.

Apenas ela era mais alta e mais magra.

Apenas seus dedos eram demasiado longos e não paravam nunca de mexer, e suas unhas vermelho-escuras eram curvadas e afiadas.

— Coraline? — disse a mulher. — É você?

E, então, voltou-se para ela. Seus olhos eram grandes botões negros.

— Hora do almoço, Coraline — disse.

— Quem é você? — perguntou Coraline.

— Sou sua outra mãe — respondeu a mulher. — Vá dizer ao seu outro pai que o almoço está pronto. — Ela abriu a porta do forno e Coraline se deu conta, de repente, do quanto estava faminta. O cheiro era maravilhoso. — Bem, vá logo.

Coraline percorreu o corredor que levava ao estúdio de seu pai. Abriu a porta. Havia um homem sentado diante do teclado, de costas para ela.

— Olá — disse Coraline. — Quer-quer dizer, ela pediu para avisar que o almoço está pronto.

O homem virou-se.

Seus olhos eram botões grandes, negros e brilhantes.

— Olá, Coraline — disse. — Estou morto de fome.

Levantou-se e acompanhou Coraline até a cozinha. Sentaram-se à mesa, e a outra mãe de Coraline serviu o almoço. Um frango assado enorme e dourado com batatas fritas e pequenas ervilhas verdes. Coraline despejava a comida pela boca. Tinha um sabor maravilhoso.

— Há muito tempo que esperamos por você — disse o outro pai de Coraline.

— Por mim?

— Sim — disse a outra mãe. — Não é a mesma coisa aqui sem você. Mas sabíamos que viria um dia, e, então, seríamos uma família de verdade. Aceita mais um pouco de frango?

Era o melhor frango que Coraline já havia comido. Às vezes, sua mãe fazia frango, mas era sempre congelado ou industrializado. Ficava muito ressecado e nunca tinha gosto. Quando o pai de Coraline preparava frango, comprava frango de verdade, mas fazia coisas estranhas com ele, como cozinhá-lo ao vinho ou estufá-lo com ameixas ou assá-lo em uma crosta e Coraline, por princípio, recusava-se sempre a tocá-lo.

Serviu-se de mais frango.

— Não sabia que tinha outra mãe — observou Coraline cautelosamente.

— Certamente que tem. Todo mundo tem — disse a outra mãe, seus olhos de botão reluzindo. — Depois do almoço, pensei que você talvez quisesse brincar em seu quarto com os ratos.

— Ratos?

— Lá de cima.

Coraline nunca vira um rato a não ser na televisão. Estava bastante interessada. Afinal, aquele dia estava se mostrando deveras peculiar.

Depois do almoço, seus outros pais lavaram a louça e Coraline seguiu pelo corredor até seu outro quarto.

Era diferente do seu quarto era casa. Para começar, estava pintado em um tom de verde-cheguei e em um tom extravagante de rosa.

Coraline concluiu que não gostaria de ter de dormir lá, mas que a combinação de cores era incrivelmente mais atraente do que a de seu quarto.

Havia coisas extraordinárias as mais variadas lá dentro, que ela nunca havia visto antes: anjos de dar corda que esvoaçavam pelo quarto como pardais assustados; livros com figuras que se

contorciam, engatinhavam e reluziam; pequenas caveiras de dinossauros que batiam os dentes quando Coraline passava. Toda uma caixa repleta de brinquedos maravilhosos.

Isso sim, pensou Coraline. Olhou pela janela. Lá fora, a vista era semelhante à que tinha de seu quarto: árvores, campos e, para além deles, no horizonte, longínquas colinas púrpuras.

Uma coisa preta passou correndo pelo chão e desapareceu embaixo da cama. Coraline ajoelhou-se e olhou sob a cama. Cinqüenta olhinhos vermelhos fitaram-na de volta.

— Olá — disse Coraline. — Vocês são os ratos?

Eles saíram de baixo da cama, encolhendo os olhos sob a claridade. Tinham pêlo curto e cor de fuligem. Os olhos eram pequenos e vermelhos. As patas rosadas pareciam mãos diminutas, e os rabos, rosados e sem pêlos, pareciam longas minhocas lisas.

— Vocês sabem falar? — perguntou ela.

O rato maior e mais escuro acenou a cabeça. Tinha um tipo

desagradável de sorriso, pensou Coraline.

— Bem — perguntou Coraline —, o que *vocês fazem?* Os ratos formaram um círculo.

Começaram então a subir uns em cima dos outros de maneira ágil e cuidadosa, até formarem uma pirâmide com o rato maior no topo.

Começaram a cantar com vozes agudas e sussurrantes:

Temos dentes e temos rabo

Rabo temos e olhos também

Ao teu tombo já assistimos

Nossa vitória, sabes que vem

Não era uma canção bonita. Coraline estava certa de já tê-la escutado antes ou algo parecido, mas não se lembrava exatamente onde.

Então, a pirâmide se desfez e os ratos dispararam velozes e pretos em direção à porta.

O outro velho maluco do andar de cima estava em pé, no vão, segurando um chapéu alto e preto nas mãos. Os ratos se precipitaram sobre ele, enfiando-se nos bolsos, subindo pela camisa, pelas pernas da calça, descendo pelo pescoço.

O rato maior escalou até os ombros do velho, tomou um impulso nos longos bigodes cinzentos, passou pelos olhos de botões grandes e negros e foi parar no topo da cabeça.

Em poucos segundos, o único vestígio da presença dos ratos eram os montinhos irrequietos sob a roupa do velho, deslizando incessantemente de um lugar para outro pelo corpo, e o rato maior, que olhava Coraline do alto da cabeça do velho, com olhos vermelhos brilhantes.

O velho pôs o chapéu e o último rato desapareceu.

— Olá, Coraline — disse o outro velho do andar de cima. — Soube que estava aqui. Está na hora dos ratos jantarem. Mas você pode vir comigo, se quiser assistir.

Havia algo faminto nos olhos de botões do velho, que fazia Coraline sentir-se inquieta.

— Não, obrigada — respondeu. — Vou sair para explorar.

O velho acenou com a cabeça bem devagar. Coraline podia ouvir os ratos sussurrando entre si, embora não entendesse o que diziam.

Não estava bem certa se queria entender o que diziam.

Seus outros pais ficaram em pé no vão da porta da cozinha, sorrindo sorrisos idênticos e acenando lentamente com as mãos enquanto Coraline seguia pelo corredor.

— Divirta-se lá fora — disse a outra mãe.

— Ficaremos aqui esperando você voltar — disse o outro pai. Quando Coraline chegou à porta da frente, virou-se e olhou para eles. Ainda estavam lá observando-a, acenando e sorrindo. Coraline saiu e desceu a escada.

IV

A CASA PARECIA EXATAMENTE a mesma do lado de fora. Ou quase exatamente: em volta da porta da senhorita Spink e da senhorita Forcible, lâmpadas azuis e vermelhas acendiam e apagavam, formando palavras que corriam umas atrás da outras. Uma atrás da outra, acendendo e apagando, volta após volta. SURPREENDENTE! era seguido de UM TRIUNFO e depois TEATRAL!!!

O dia estava ensolarado e frio, exatamente como aquele que Coraline deixara.

Um barulho sutil fez-se ouvir atrás dela.

Coraline virou-se. Em pé, sobre o muro próximo a ela, achava-se um gato grande e preto, idêntico ao gato grande e preto que vira no terreno de casa.

— Boa tarde — disse o gato.

Sua voz soava como a voz de dentro dá cabeça de Coraline, a voz com a qual ela pensava as palavras; mas essa era uma voz de homem, não de menina.

— Olá — disse Coraline. — Eu vi um gato como você no jardim lá de casa. Você deve ser o outro gato.

O gato balançou a cabeça.

— Não — disse. — Não sou o outro coisa nenhuma. Sou eu. — Inclinou a cabeça para o lado; os olhos verdes brilhavam. — Vocês, pessoas, se esparramam por toda parte. Nós, gatos, nos mantemos íntegros, se é que me entende.

— Suponho que sim. Mas, se você é o mesmo gato que vi lá em casa, como sabe falar?

Gatos não têm ombros, não como as pessoas; mas ele encolheu-se em um movimento suave que começava na ponta do rabo e terminava no gesto de elevação dos bigodes.

— Eu sei falar.

— Lá em casa, os gatos não falam.

— Não? — perguntou o gato.

— Não — respondeu Coraline.

O gato pulou gentilmente do muro para a grama perto dos pés de Coraline. Olhou-a fixamente.

— Bem, é você a especialista — disse o gato secamente. — Afinal, que sei eu? Sou apenas um gato.

Foi se afastando com a cabeça e a cauda erguidas

orgulhosamente.

— Volte — disse Coraline. — Por favor, desculpe-me. Sinceramente, desculpe-me.

O gato parou de andar, sentou e começou a se lamber pensativo, aparentemente sem perceber a existência de Coraline.

— Nós... poderíamos ser amigos, sabe? — disse Coraline.

— Nós *poderíamos* ser espécimes raros de uma raça exótica de elefantes africanos dançarinos — respondeu o gato. — Mas não somos. Pelo menos — acrescentou felinamente depois de disparar um rápido olhar para Coraline —, *eu* não sou.

Coraline suspirou.

— Por favor, qual é o seu nome? — perguntou ao gato. — Olha, sou Coraline. Tá?

O gato bocejou lenta e cuidadosamente, revelando uma boca e uma língua de um rosa impressionante.

— Gatos não têm nomes — disse.

— Não? — perguntou Coraline.

— Não — respondeu o gato. — Agora, *vocês* pessoas têm nomes. Isso é porque vocês não sabem quem vocês são. Nós sabemos quem somos, portanto não precisamos de nomes.

Havia algo irritantemente arrogante no gato, Coraline concluiu. Como se fosse, em sua opinião, a única coisa em qualquer mundo ou lugar que pudesse ter alguma importância.

Metade de Coraline queria ser rude com ele, a outra metade queria ser educada e respeitosa. A metade educada venceu.

— Por favor, que lugar é esse?

O gato olhou rapidamente ao seu redor.

— É aqui — respondeu.

— Isso eu posso ver. Bem, como você chegou aqui?

— Do mesmo modo que você. Eu caminhei — disse o gato. — Assim.

Coraline observou o gato andar lentamente pelo gramado. Passou por trás de uma árvore e não reapareceu do outro lado. Coraline foi até a árvore e olhou por detrás. O gato havia sumido.

Coraline caminhou de volta para a casa. Outro som sutil se fez ouvir por trás dela. Era ele.

— A propósito — disse — foi sensato da sua parte trazer proteção. Eu me agarraria a ela, se fosse você.

— Proteção?

— Foi o que eu disse — respondeu o gato. — E de qualquer modo...

Fez uma pausa e fixou o olhar era algo que não estava lá.

Então, abaixou-se e avançou lentamente uns dois ou três passos. Parecia espreitar um rato invisível. Virou o rabo abruptamente e disparou para o bosque.

Desapareceu entre as árvores.

Coraline pensou sobre o que o gato quisera dizer.

Perguntava-se também se todos os gatos de onde ela vinha sabiam falar e apenas preferiam não fazê-lo, ou se falavam apenas quando estavam ali — onde quer que *ali* fosse.

Desceu os degraus de tijolo que levavam à porta de entrada das senhoritas Spink e Forcible. As luzes vermelhas e azuis piscavam.

A porta estava ligeiramente aberta. Coraline bateu, mas ao primeiro toque, a porta abriu-se por inteiro e ela entrou.

Encontrava-se em uma sala escura que cheirava a poeira e veludo. A porta fechou-se atrás dela e a sala ficou preta. Coraline entrou em uma pequena ante-sala. Seu rosto roçou algo macio. Era um tecido. Esticou a mão e empurrou o tecido. Ele abriu-se.

Estava do outro lado da cortina de veludo, piscando os olhos em um teatro mal iluminado. Longe, na extremidade da sala, havia um palco alto de madeira, descoberto e vazio, uma luz fraca de refletor iluminava-o de muito alto.

Entre Coraline e o palco havia poltronas. Fileiras e fileiras de poltronas. Ouviu o barulho de algo se arrastando. Uma luz veio em sua direção, oscilando de um lado para o outro. Quando se aproximou, Coraline viu que a luz vinha de uma lanterna trazida à boca por um grande cão escocês preto, seu focinho acinzentado pela idade.

— Olá — disse Coraline.

O cachorro pôs a lanterna no chão e olhou para ela.

— Certo, vejamos o seu bilhete — ordenou asperamente.

— Bilhete?

— Foi o que eu disse. Bilhete. Não tenho o dia todo, sabe. Não pode assistir ao espetáculo sem um bilhete.

Coraline suspirou.

— Não tenho bilhete — admitiu.

— Mais um — disse o cão tristemente. — Chegam aqui na cara de pau. “Seu bilhete, por favor?” “Não tenho”, é, não sei não... — Balançou a cabeça e encolheu-se. — Por aqui, então.

Apanhou a lanterna com a boca e saiu apressado no escuro. Coraline seguiu-o. Ao aproximar-se da frente do palco, deteve-se e apontou a lanterna para um assento vazio. Coraline sentou-se e o cão se afastou.

A medida que seus olhos se acostumaram ao escuro, percebeu que os outros ocupantes dos assentos também eram cachorros.

Um chiado repentino soou atrás do palco. Coraline julgou tratar-se de um velho disco arranhado que alguém estava pondo na vitrola. O chiado transformou-se em som de trompetes, e a senhorita Spink e a senhorita Forcible apareceram no palco.

A senhorita Spink estava dirigindo uma bicicleta de uma só roda e equilibrava bolas no ar. A senhorita Forcible saltitava atrás dela, segurando uma cesta de flores. Espalhava as pétalas das flores pelo palco enquanto avançava. Vieram até a frente do palco. A senhorita Spink saltou agilmente do monociclo e as duas fizeram uma saudação, curvando-se até o chão.

Todos os cães bateram seus rabos e latiram com entusiasmo. Coraline aplaudiu educadamente.

Em seguida, a senhorita Spink e a senhorita Forcible desabotoaram e abriram seus casacos macios e rechonchudos, porém, não foram só os casacos que se abriram: também seus rostos se abriram como conchas vazias, e, de dentro dos velhos corpos redondos, rechonchudos e vazios, saíram duas jovens. Eram magras, pálidas e muito bonitas; e tinham olhos de botões negros.

A nova senhorita Spink usava um maiô verde e botas marrons compridas que subiam por quase toda a perna. A nova senhorita Forcible usava um vestido branco e tinha flores em seus longos cabelos loiros.

Coraline apertou-se contra a poltrona.

A senhorita Spink saiu do palco. O som dos trompetes transformou-se em um ruído agudo, à medida que a agulha do gramofone cavou seu caminho pelo disco e foi retirada.

— Essa é a minha parte favorita — cochichou o cachorrinho na poltrona vizinha à de Coraline.

A outra senhorita Forcible puxou uma faca de dentro de uma caixa no canto do palco.

— É um punhal o que vejo diante de mim? — bradou.

— Sim! — gritaram todos os cachorros. — É!

A senhorita Forcible fez uma mesura e todos os cachorros aplaudiram novamente. Desta vez, Coraline não se deu ao trabalho de aplaudir.

A senhorita Spink retornou ao palco. Deu um tapa na coxa e todos os cachorrinhos latiram.

— E agora — disse a senhorita Spink —, Miriam e eu orgulhosamente apresentaremos um adendo emocionante à nossa interpretação teatral. Estou vendo um voluntário?

O pequeno cachorro vizinho a Coraline cutucou-a com a pata dianteira.

— É você — assoprou.

Coraline levantou-se e subiu a escada de madeira que levava ao palco.

— Posso pedir uma salva de palmas para a jovem voluntária? — disse a senhorita Spink. Os cachorros latiram, guincharam e bateram seus rabos sobre as poltronas de veludo.

— Bem, Coraline — disse a senhorita Spink —, qual é o seu nome?

— Coraline — disse Coraline.

— É, nós não nos conhecemos, não é?

Coraline olhou para a mulher magra e jovem com olhos de botões negros e balançou a cabeça devagar.

— Agora, Coraline — disse a outra senhorita Spink —, fique em pé aqui. — Levou Coraline até uma prancha, ao lado do palco, e pôs um balão sobre sua cabeça.

A senhorita Spink aproximou-se da senhorita Forcible. Vendou os seus olhos de botões com um cachecol negro e colocou o punhal em suas mãos. Em seguida, fez com que desse uns três ou quatro giros e parou-a na direção de Coraline. Coraline prendeu a respiração e apertou os dedos, cerrando os dois punhos.

A senhorita Forcible atirou a faca na direção do balão, estourou-o ruidosamente. A faca cravou-se na tábua logo acima da cabeça de Coraline e lá permaneceu zunindo. Coraline soltou a respiração.

Os cachorros deliraram.

A senhorita Spink ofereceu uma caixa bem pequena de chocolates a Coraline e agradeceu-lhe o espírito esportivo. Coraline voltou para sua poltrona.

— Você esteve ótima — saudou o cachorrinho.

— Obrigada — respondeu Coraline.

A senhorita Forcible e a senhorita Spink começaram a equilibrar grandes clavas de madeira no ar. Coraline abriu a caixa de chocolates. O cão olhou-os avidamente.

— Aceita um? — perguntou ao cãozinho.

— Sim, obrigado — sussurrou o cachorro. — Só não quero os caramelos. Me fazem babar.

— Achava que chocolate não era muito bom para cachorros — disse Coraline, lembrando-se do que a senhorita Forcible lhe dissera certa vez.

— Talvez, de onde você vem — sussurrou o cãozinho. — Aqui, é só o que comemos.

Coraline não conseguia enxergar os chocolates no escuro. Mordeu um para experimentar; era de coco. Coraline não gostava de coco. Ofereceu-o ao cachorro.

— Obrigado — disse o cachorro.

— De nada — respondeu Coraline.

A senhorita Forcible e a senhorita Spink estavam agora representando algumas cenas. A senhorita Forcible, sentada sobre uma escadinha, e a senhorita Spink, de pé junto ao primeiro degrau.

— Que importância tem um nome? — perguntou a senhorita Forcible. — Aquilo a que chamamos rosa com qualquer outro nome teria o perfume igualmente doce.

— Você tem mais chocolate? — indagou o cachorro.

Coraline deu-lhe outro chocolate.

— Não sei como vos dizer quem sou — disse a senhorita Spink para a senhorita Forcible.

— Essa parte acaba logo — sussurrou o cachorro. — Depois elas começam as danças folclóricas.

— Quanto tempo demora? — perguntou Coraline. — O teatro?

— O tempo todo — disse o cachorro. — Para sempre.

— Tome — disse Coraline. — Fique com os chocolates.

— Obrigado — respondeu o cachorro. Coraline levantou-se. — Até logo — disse o cachorro.

— Tchau — disse Coraline. Caminhou para fora do teatro, de volta ao jardim. Precisava encolher os olhos para acostumar-se à claridade do dia.

Seus outros pais aguardavam-na no jardim, em pé, um ao lado do outro. Sorriam.

— Você se divertiu? — perguntou sua outra mãe.

— Foi interessante — respondeu Coraline.

Os três subiram juntos de volta para a outra casa de Coraline. A outra mãe alisou-lhe o cabelo com seus longos dedos brancos. Coraline desviou a cabeça.

— Não faça isso — disse.

Sua outra mãe afastou a mão.

— Então — perguntou o outro pai. — Você gostou daqui?

— Acho que sim — respondeu Coraline. — É muito mais interessante do que lá em casa.

Entraram.

— Fico feliz que esteja gostando — disse a mãe de Coraline. — Porque gostaríamos de pensar que este é o seu lar. Pode ficar aqui para sempre, se quiser.

— Hmm — murmurou Coraline. Colocou as mãos nos bolsos e refletiu. Sua mão tocou a pedra que as verdadeiras senhoritas Spink e Forcible haviam lhe dado na véspera, a pedra com um furo no meio.

— Caso você queira — disse o seu outro pai —, há somente uma coisinha que precisamos fazer para que possa ficar aqui para sempre.

Foram até a cozinha. Em um prato de porcelana sobre a mesa, achavam-se um carretel de linha preta de algodão, uma longa agulha de prata e dois grandes botões negros.

— Acho que não quero — disse Coraline.

— Oh, mas queremos que fique — insistiu a outra mãe. — Queremos que fique. É só uma coisinha à toa.

— Não vai doer — disse o outro pai.

Coraline sabia que quando os adultos falavam que alguma coisa não ia doer, quase sempre doía. Balançou a cabeça.

Sua outra mãe abriu um grande sorriso. Os cabelos em sua cabeça flutuavam como plantas no fundo do mar.

— Queremos apenas o melhor para você.

Pôs a mão sobre o ombro de Coraline. Coraline recuou.

— Agora já vou — disse Coraline. Colocou as mãos nos bolsos. Seus dedos se fecharam em volta da pedra com o furo no meio.

A mão da outra mãe abandonou o ombro de Coraline como uma

aranha assustada.

— Se é isso o que deseja — disse.

— Sim — afirmou Coraline.

— Nos veremos em breve, no entanto — disse o outro pai. — Quando você voltar.

— Umm — murmurou Coraline.

— E aí, ficaremos todos juntos como uma grande família feliz — disse sua outra mãe. — Para sempre.

Coraline recuou. Virou-se, correu para a sala de visitas e empurrou a porta que ficava no canto. Não havia parede de tijolos — somente a escuridão, uma escuridão subterrânea, negra como a noite, em cujo interior coisas poderiam estar se movendo.

Coraline hesitou. Voltou-se para trás. Seu outro pai e sua outra mãe dirigiam-se para ela de mãos dadas. Olhavam-na com seus olhos de botões negros. Ou, pelo menos, Coraline *pensou* que olhavam. Não tinha certeza.

Sua outra mãe estendeu a mão que estava livre, chamando-a gentilmente com o dedo branco. Seus lábios pálidos murmuraram:

— Volte logo — embora não dissesse nada alto.

Coraline respirou fundo e pisou na escuridão onde vozes estranhas sussurravam e ventos longínquos sibilavam. Tinha certeza de que havia algo atrás dela no escuro: algo muito velho e muito lento. Seu coração batia com tanta força e tão alto, que teve medo dele estourar em seu peito. Fechou os olhos contra a escuridão.

Finalmente esbarrou em algo e abriu os olhos assustada. Era uma poltrona em sua sala de visitas.

O vão aberto atrás de si estava bloqueado por duros tijolos vermelhos.

Estava em casa.

V.

CORALINE TRANCOU A PORTA da sala de visitas com a chave escura e fria.

Voltou até a cozinha e subiu em uma cadeira. Tentou recolocar o molho de chaves no batente da porta. Tentou quatro ou cinco vezes, antes de ser forçada a aceitar que simplesmente não era alta o bastante, e colocou as chaves sobre o balcão próximo à porta.

Sua mãe ainda não havia retornado da expedição de compras.

Coraline foi até o freezer e pegou o pão reserva congelado no compartimento de baixo. Preparou algumas torradas com geléia e manteiga de amendoim. Bebeu um copo de água.

Esperou que os pais voltassem para casa.

Quando começou a escurecer, Coraline pôs uma pizza congelada no microondas.

Depois assistiu à televisão. Perguntava-se por que os adultos tinham direito a todos os bons programas, com as gritarias e as Correrias.

Passado algum tempo, começou a bocejar. Então, tirou a roupa, escovou os dentes e foi para a cama.

De manhã foi até o quarto dos pais, mas a cama não tinha sido mexida, e eles não estavam em casa. Comeu espaguete enlatado no café da manhã.

No almoço, comeu uma barra de chocolate meio amargo e uma maçã. A maçã estava amarelada e ligeiramente murcha, mas o gosto era doce e bom.

Na hora do chá, foi visitar as senhoritas Spink e Forcible. Comeu três biscoitos digestivos, um copo de limanada e uma xícara de chá aguado. A limanada era muito interessante. Não tinha o menor sabor de lima. Tinha um gosto verde cintilante vagamente químico. Coraline adorou. Gostaria que tivessem aquilo em casa.

— Como estão seus queridos pai e mãe? — perguntou a senhorita Spink.

— Desaparecidos — respondeu Coraline. — Desde ontem não vejo nenhum dos dois. Estou por minha própria conta. Acho que provavelmente me tornei uma família de filha única.

— Diga à sua mãe que encontramos os recortes de jornal do Teatro Glasgow Empire que havíamos comentado com ela. Pareceu-nos bastante interessada quando Miriam os mencionou.

— Ela desapareceu em circunstâncias misteriosas — disse Coraline — e creio que meu pai também.

— Estaremos fora o dia inteiro amanhã, Caroline, amoreco — disse a senhorita Forcible. — Vamos passar a noite na casa da sobrinha de April, em Royal Tunbridge Wells.

Mostraram-lhe um álbum de fotografias com fotos da sobrinha da senhorita Spink e depois Coraline voltou para casa.

Abriu seu cofrinho e foi até o supermercado. Comprou duas garrafas grandes de limanada, um bolo de chocolate e um saco de maçãs novo. Voltou para casa e comeu seu jantar.

Escovou os dentes e foi para o estúdio do pai. Ligou seu computador e escreveu uma história.

A HISTÓRIA DE CORALINE

HAVIA UMA MENINA QUE SE CHAMAVA MAÇÃ. COSTUMAVA DANÇAR MUITO. ELA DANÇOU E DANÇOU E DANÇOU ATÉ QUE SEUS PÉS VIRARAM SAUÇIXAS FIM.

Coraline imprimiu a história e desligou o computador. Depois desenhou a pequena menina dançando sob as palavras no papel.

Preparou um banho com uma quantidade exagerada de espuma, e as bolhas transbordaram, espalhando-se por todo o chão. Secou-se, secou o chão o melhor que pôde e enfiou-se na cama.

Acordou durante a noite e foi até o quarto dos pais, mas a cama continuava arrumada e vazia. Os números fosforescentes no relógio digital brilhavam 3:12 da manhã.

Totalmente só, no meio da noite, Coraline começou a chorar. Não havia nenhum outro som no apartamento vazio.

Subiu na cama dos seus pais e, depois de algum tempo, adormeceu.

Coraline acordou com patas frias batendo contra o seu rosto. Abriu seus olhos. Olhos grandes e verdes fitavam-na. Era o gato.

— Olá — disse Coraline. — Como foi que você entrou?

O gato não disse nada. Coraline levantou-se da cama. Estava usando uma camiseta comprida e calças de pijama.

— Veio me dizer alguma coisa?

O gato bocejou, o que fez seus olhos verdes brilharem.

— Sabe onde mamãe e papai estão?

O gato piscou o olho lentamente para ela.

— Isso quer dizer sim?

O gato piscou novamente. Coraline concluiu que se tratava realmente de um sim.

— Você vai me levar até eles?

O gato olhou-a fixamente. Andou, então, até o corredor. Ela seguiu-o. Ele percorreu toda a extensão e parou bem no final, onde um espelho de tamanho natural encontrava-se pendurado. O espelho fora durante muito tempo o lado de dentro da porta de um armário. Estava pendurado na parede desde antes da mudança, e, embora a mãe de Coraline falasse ocasionalmente em substituí-lo por algo mais novo, nunca o fizera.

Coraline acendeu a luz do corredor.

O espelho mostrava o corredor atrás dela, o que era de se esperar. Refletidos no espelho, porém, estavam os seus pais. Estavam de pé com dificuldade no reflexo do corredor. Pareciam tristes e sozinhos. Enquanto Coraline olhava, acenaram lentamente para ela com as mãos hesitantes. O pai de Coraline tinha o braço em volta de sua mãe.

Olharam-na fixamente do espelho. O pai abriu a boca e disse algo, mas ela não conseguia ouvir nada. Sua mãe bafejou sobre o lado interno do espelho e rapidamente, antes que o embaçado desaparecesse, escreveu

ORROCOS

com a ponta do indicador. O embaçado no interior do espelho foi sumindo, o mesmo acontecendo aos pais de Coraline. Agora, o espelho refletia apenas o corredor, Coraline e o gato.

— Onde estão eles? — Coraline perguntou ao gato. O gato não respondeu, mas ela podia imaginar sua voz, seca como uma mosca morta no peitoril da janela durante o inverno, dizer: *Bem, onde você acha que estão?*

— Eles não vão voltar, não é? — disse Coraline. — Não por conta própria.

O gato piscou para ela. Coraline entendeu como sim.

— Certo — disse Coraline. — Então suponho que só há uma coisa a fazer.

Entrou no estúdio do pai. Sentou-se à mesa. Em seguida, pegou o telefone, abriu a lista telefônica e ligou para a delegacia local.

— Polícia — atendeu uma voz masculina áspera.

— Alô — disse Coraline. — Meu nome é Coraline Jones. — Você passou um pouco da hora de dormir, não foi, senhorita? — comentou o policial.

— Possivelmente — respondeu Coraline, que não ia se deixar distrair —, mas, estou ligando para denunciar um crime.

— E que tipo de crime seria?

— Seqüestro. Meus pais foram raptados para um mundo do outro lado do espelho em nosso corredor.

— E você sabe quem os roubou? — perguntou o oficial de polícia. Coraline podia ouvir o sorriso em sua voz. Fez um esforço dobrado para soar adulta e ser levada a sério.

— Acho que minha outra mãe tem os dois em suas garras. Pode ser que queira mantê-los com ela e costurar seus olhos com botões negros ou talvez os mantenha simplesmente para me atrair de volta ao alcance de seus dedos. Não estou bem certa.

— Ah. As garras nefastas de seus dedos diabólicos, não é? — disse. — Mmm. Sabe qual é minha sugestão, senhorita Jones?

— Não — respondeu Coraline. — Qual?

— Peça para sua mãe preparar uma velha caneca de chocolate bem grande e bem quente e te dar um velho abraço bem grande e bem forte. Não há nada como chocolate quente e abraços para fazer os pesadelos irem embora. E, se ela começar a brigar com você por

tê-la acordado a esta hora da noite, diga-lhe que foi o policial quem mandou. — Tinha uma voz profunda e tranqüilizadora.

Coraline não se tranqüilizou.

— Quando eu a vir — disse Coraline —, direi isso. — E pôs o telefone no gancho.

O gato preto, que ficara sentado no chão alisando o pêlo durante toda a conversa, levantou-se e conduziu-a até o corredor.

Coraline voltou para o seu quarto, vestiu seu roupão azul e calçou os chinelos. Procurou por uma lanterna debaixo da pia e encontrou uma, porém suas pilhas já haviam terminado há muito tempo e ela mal acendia uma luz fraquíssima cor de palha. Colocou-a de volta no lugar e encontrou uma caixa de velas de cera branca para emergências. Enfiou uma dentro de um candelabro. Pôs uma maçã em cada bolso. Pegou o anel de chaves e retirou a velha chave negra.

Foi até a sala de visitas e olhou para a porta. Tinha a sensação de que a porta a estava olhando, o que, sabia, era uma tolice, mas inconscientemente sabia que de algum modo era verdade.

Voltou para o seu quarto e mexeu no bolso do seu jeans. Achou a pedra com o furo no meio e colocou-a no bolso do roupão.

Acendeu o pavio da vela com um fósforo e observou-o crepitar e encorpar. Em seguida, pegou a chave negra. Estava fria em sua mão. Colocou-a no buraco da fechadura da porta sem girá-la.

— Quando era pequena — Coraline disse para o gato —, quando vivíamos em nossa velha casa, há muito, muito tempo, papai me levou para passear no terreno baldio que ficava entre a nossa casa e as lojas.

“Não era o lugar ideal para passear. Lá ficavam todas aquelas coisas que as pessoas tinham jogado fora — fogões velhos, pratos quebrados, bonecas sem braço e sem perna, latas vazias e garrafas espatifadas. Papai e mamãe me fizeram jurar que não iria explorar lá atrás, porque havia muitos objetos pontudos, tétano e coisas do gênero.”

“Mas continuei dizendo que queria explorar o lugar. Então, um dia, papai calçou suas botas grandes marrons e suas luvas, pôs minhas botas, meu jeans e suéter, e fomos dar uma volta.”

“Acho que andamos por cerca de vinte minutos. Descemos a colina até o fundo de um barranco onde passava um rio quando, de repente, meu pai falou: ‘Coraline — fuja. Suba a colina. Já!’ Falou de um jeito firme, com urgência, então obedeci. Subi a colina correndo. Algo me atingiu atrás do braço enquanto eu fugia, mas continuei correndo.”

“Quando cheguei ao topo, ouvi alguém disparar colina acima atrás de mim como um raio. Era o meu pai, atacando como um rinoceronte. Quando me alcançou, levantou-me em seus braços e ergueu-me por sobre o cume da colina.”

“Então paramos ofegantes e palpitantes, e olhamos de volta para o barranco lá embaixo.”

“O ar estava animado com vespas amarelas. No caminho, devemos ter pisado em um vespeiro dentro de algum tronco podre. E enquanto eu corria colina acima, meu pai ficou e foi mordido, para me dar tempo de fugir. Seus óculos haviam caído durante a corrida.”

“Eu tinha uma única picada, atrás do braço. Ele tinha trinta e nove, espalhadas pelo corpo. Contamos depois, no banho.”

O gato preto começou a lavar o rosto e os bigodes de um modo

que indicava crescente impaciência. Coraline abaixou-se e deu-lhe uma batidinha atrás da cabeça e do pescoço. O gato levantou-se, deu alguns passos até sair do seu alcance, depois sentou-se e olhou-a novamente.

— Então — disse Coraline —, mais para o fim da tarde, meu pai voltou ao terreno baldio, para recuperar seus óculos. Disse que se deixasse passar um dia, não conseguiria lembrar onde eles haviam caído.

"E logo ele voltou para casa, usando seus óculos. Disse que não teve medo quando ficou lá em pé, sendo picado e ferido pelas vespas, vendo-me fugir. Sabia que tinha que me dar tempo suficiente para correr, ou as vespas perseguiriam a nós dois."

Coraline girou a chave na porta. A chave girou com um *clunk* sonoro.

A porta abriu-se completamente.

Não havia parede de tijolos do outro lado da porta: apenas escuridão. Um vento frio soprava pela passagem.

Coraline não tomou a iniciativa de atravessar a porta.

— E ele disse que não tinha sido corajoso ao simplesmente ficar lá e ser mordido — disse Coraline ao gato. — Não tinha sido corajoso porque ele não tivera medo: era a única coisa que ele podia fazer. Mas, voltar para pegar os óculos, sabendo que as vespas estavam lá e, desta vez sentindo medo, *aquilo* era coragem.

Coraline deu o primeiro passo para dentro do corredor. Podia sentir o cheiro de poeira, umidade e mofo. O gato caminhava a seu lado.

— E por quê? — perguntou o gato, embora parecesse muito pouco interessado.

— Porque — disse ela — quando você tem medo e faz mesmo assim, *isso* é coragem.

A vela projetava sombras imensas, estranhas e trêmulas ao longo da parede. Ouviu algo se mover na escuridão — imediatamente ao seu lado ou um pouco mais longe, não saberia dizer. Parecia que a estava seguindo, seja lá o que fosse.

— Então é por isso que você vai voltar para o mundo *dela?* — perguntou o gato. — Porque seu pai um dia salvou você das vespas?

— Não seja tolo — disse Coraline. — Estou voltando por eles, porque são meus pais. Se eles percebessem que eu tinha sumido, tenho certeza de que fariam o mesmo por mim. Sabia que você voltou a falar?

— Quanta sorte a minha — disse o gato — ter uma companheira de viagem com tamanha sabedoria e inteligência. — Seu tom permanecia sarcástico, mas seu pêlo estava eriçado, e sua cauda exuberante erguia-se no ar.

Coraline ia dizer algo como *desculpe* ou *será que a caminhada não foi bem mais curta da outra vez?,* quando a vela apagou-se subitamente, como se alguém a tivesse apagado com a mão.

Houve um escarafunchar de unhas e o barulho de patas pisando sobre o chão. Coraline podia sentir seu coração bater contra as costelas. Estendeu a mão... e sentiu fios tênues como teias de aranha roçarem suas mãos e seu rosto.

No final do corredor, a luz elétrica acendeu, ofuscando a vista após a escuridão. Uma mulher erguia-se, a silhueta recortada pela luz, um pouco mais à frente de Coraline.

— Coraline? Querida? — ela chamou.

— Mãe! — disse Coraline, e avançou ansiosa, sentindo-se aliviada.

— Querida — disse a mulher. — Por que você fugiu de mim? Coraline estava perto demais para parar e sentiu os braços frios da outra mãe abraçá-la. Ficou ali rígida e trêmula enquanto a outra mãe a abraçava firmemente.

— Onde estão os meus pais? — perguntou Coraline.

— Estamos aqui — disse a outra mãe, com uma voz tão semelhante à da sua verdadeira mãe que Coraline mal conseguia distingui-las. — Estamos aqui. Estamos prontos para amá-la, para brincar com você, para alimentá-la e tornar a sua vida interessante.

Coraline recuou e a outra mãe deixou-a ir com relutância.

O outro pai, que estivera sentado em uma cadeira no corredor, levantou-se e sorriu.

— Vamos para a cozinha — disse ele. — Vou preparar um lanche de meia-noite. E você vai querer algo para beber — quem sabe um chocolate quente?

Coraline percorreu o corredor até chegar ao espelho, no final. Não havia reflexos nele, exceto uma menina de roupão e chinelos, com cara de quem havia chorado há pouco, mas com olhos de verdade e não botões negros, segurando firmemente um castiçal com uma vela apagada.

Olhou para a menina no espelho e a menina no espelho a olhou de volta.

Serei *corajosa,* pensou Coraline. *Não, estou sendo corajosa.*

Colocou o castiçal no chão e virou-se. O outro pai e a outra mãe observavam-na com olhar faminto.

— Não preciso de lanche — disse. — Tenho uma maçã. Estão vendo? — Tirou uma maçã do bolso do roupão e depois mordeu-a apetitosamente com um entusiasmo que não sentia realmente.

O outro pai parecia desapontado. A outra mãe sorriu, mostrando uma fileira completa de dentes, e cada um dos dentes era ligeiramente comprido demais. A luz no corredor fazia seus olhos de botões negros cintilarem e brilharem.

— Vocês não me assustam — disse Coraline, embora eles a assustassem na realidade, e muito. — Quero meus pais de volta.

O mundo parecia cintilar um pouco nas bordas.

— O que poderia eu ter feito aos seus antigos pais? Se abandonaram *você,* Coraline, deve ser porque se entediaram ou se cansaram de você. Mas eu nunca me cansarei de você, nem tampouco vou abandoná-la. Estará sempre segura aqui comigo. — Os cabelos negros com aparência de molhados flutuavam em volta de sua cabeça como os tentáculos de uma criatura nas profundezas do oceano.

— Eles não se cansaram de mim — disse Coraline. — Você está mentindo. Você os raptou.

— Coraline bobinha, bobinha. Eles estão bem onde quer que estejam.

Coraline apenas fitou a outra mãe.

— Vou provar para você — disse a outra mãe e roçou a superfície do espelho com seus longos dedos brancos. O espelho turvou-se como se um dragão tivesse baforado sobre ele e depois clareou.

Dentro do espelho, já era dia. Coraline podia ver todo o corredor até a porta da frente. A porta da rua abriu-se e a mãe e o pai de Coraline entraram. Carregavam malas.

— Que férias maravilhosas — disse o pai de Coraline.

— Como é bom não ter mais a Coraline — disse sua mãe com um sorriso de felicidade. — Agora podemos fazer tudo o que sempre quisemos e nunca fizemos porque tínhamos uma filha

pequena. Coisas como viajar para o exterior, por exemplo.

— É — acrescentou o pai. — Fico sossegado em saber que sua outra mãe vai cuidar dela muito melhor do que jamais pudemos cuidar.

O espelho cobriu-se de névoa, foi sumindo, a imagem evanescendo, até que voltou a refletir a noite.

— Viu? — perguntou a outra mãe.

— Não — disse Coraline. — Não vi. E também não acredito. Esperava que o que acabara de ver não fosse real, mas não estava tão segura disso quanto parecia. Havia uma dúvida muito pequena dentro dela, como uma larva no miolo da maçã. Então, olhou para cima e viu a expressão no rosto de sua outra mãe: um lampejo de raiva autêntica, que atravessava seu rosto como um relâmpago de verão, e Coraline teve certeza em seu coração de que o que vira no espelho não passava de uma ilusão. Sentou-se no sofá e comeu sua maçã.

— Por favor — disse a outra mãe —, não seja difícil. — Foi até a sala de visitas e bateu palmas duas vezes. Ouviu-se um som de algo se arrastando e um rato preto surgiu. Fitou-a. — Traga-me a chave — disse ela.

O rato soltou um guincho e correu em seguida pela porta aberta que levava de volta ao apartamento de Coraline. Voltou arrastando atrás de si a chave.

— Por que você não tem sua própria chave desse lado? — perguntou Coraline.

— Há apenas uma chave. Há apenas uma porta — disse o outro pai.

— Silêncio! — disse a outra mãe. — Você não deve incomodar a cabeça de nossa querida Coraline com tais trivialidades. — Ela colocou a chave na fechadura e girou-a. A fechadura estava dura, mas fechou com um *clunk*.

Deixou cair a chave no bolso de seu avental.

Lá fora, o céu começara a clarear em um tom cinza luminoso.

— Se não vamos fazer um lanche de meia-noite — disse a outra mãe —, ainda precisamos de nosso sono da beleza. Vou voltar para a cama, Coraline. E sugiro enfaticamente que você faça o mesmo.

Colocou os longos dedos brancos sobre os ombros do outro pai e levou-o para fora do cômodo.

Coraline foi até a porta no canto mais afastado da sala de visitas. Puxou-a com força mas ela estava firmemente trancada. A porta do quarto dos seus outros pais tinha se fechado agora.

Coraline estava realmente cansada mas não queria dormir no quarto. Não queria dormir sob o mesmo teto que sua outra mãe.

A porta da frente não estava trancada. Coraline saiu na madrugada e desceu os degraus de pedra. Sentou-se sobre o último. Estava frio.

Alguma coisa peluda empurrou-se contra o seu lado em um movimento suave e insinuante. Coraline deu um pulo e então respirou aliviada ao ver que se tratava do gato.

— Ah. É *você* — disse ao gato preto.

— Viu? — respondeu o gato. — Não foi tão difícil assim me reconhecer, foi? Mesmo sem nome.

— Bem, e se quisesse chamar você?

O gato franziu o nariz, conseguindo parecer pouco impressionado.

— Chamar gatos — segredou — tende a ser uma atividade supervalorizada. É o mesmo que chamar um redemoinho pelo nome.

— E se fosse hora de jantar? — perguntou Coraline. — Você não gostaria de ser chamado então?

— Mas é claro — disse o gato. — Porém, um simples grito de 'jantar!' serviria muito bem. Viu? Nenhuma necessidade de nomes.

— Por que ela me quer? — Coraline perguntou ao gato. — Por que quer que eu fique aqui com ela?

— Quer algo para amar, acho — respondeu o gato. — Algo que não seja ela. Pode ser que queira algo para comer também. É difícil dizer com criaturas daquelas.

— Você tem algum conselho? — indagou Coraline.

O gato parecia começar a dizer mais alguma coisa sarcástica. Então, sacudiu os bigodes e disse:

— Desafie-a. Não há nenhuma garantia de que ela vai jogar limpo, mas uma criatura dessas adora jogos e desafios.

— Que tipo de criatura é essa? — perguntou Coraline.

O gato não respondeu, simplesmente espreguiçou-se luxuriosamente e foi embora.

Então deteve-se, virou-se e disse:

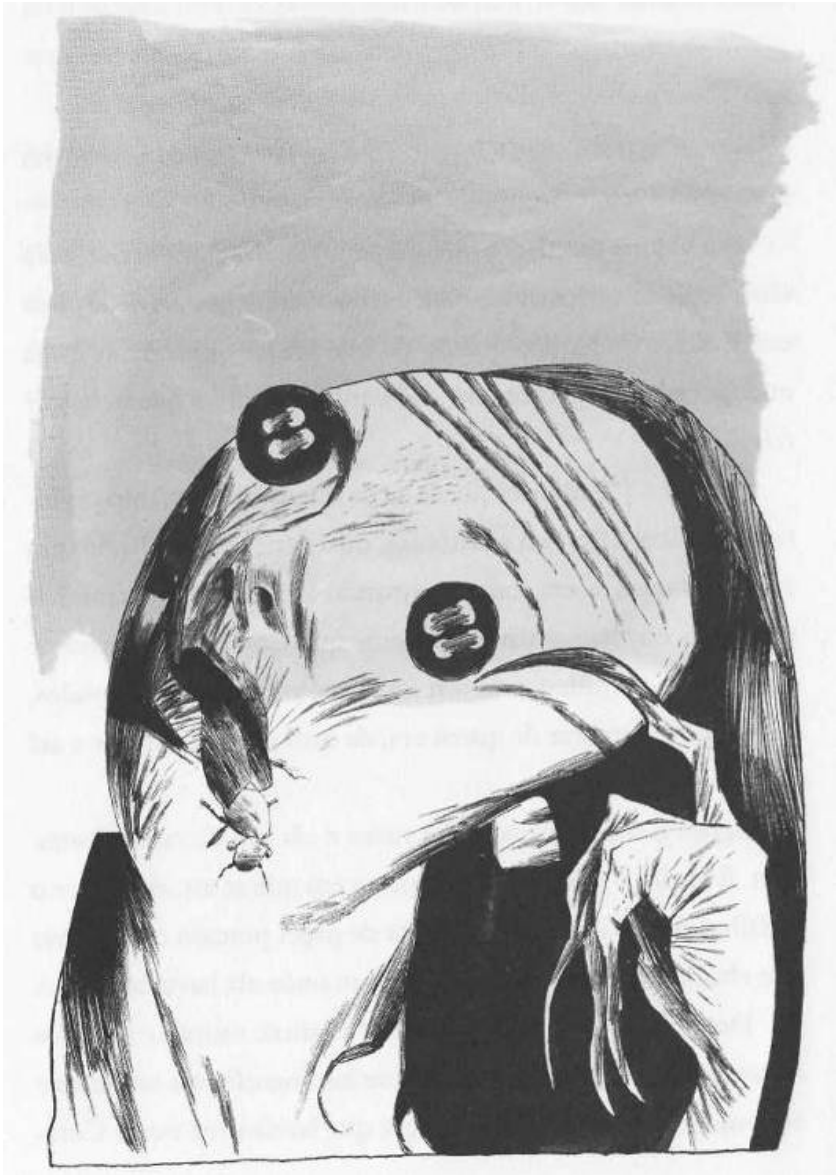
— Se eu fosse você, entraria. Vá dormir. Você tem um longo dia pela frente.

E então, o gato sumiu. Coraline percebeu que ele tinha razão. Retornou cautelosamente para a casa silenciosa, passou pela porta fechada atrás da qual a outra mãe e o outro pai... o quê? Pensou. Dormiam? Esperavam? Então ocorreu-lhe que, se por acaso, ela abrisse a porta do quarto, o encontraria vazio ou, mais precisamente, aquele era um quarto vazio, que permaneceria vazio até o exato momento em que ela abrisse a porta.

De algum modo isso facilitava as coisas. Coraline entrou na paródia verde e rosa do seu próprio quarto. Fechou a porta e puxou a caixa de brinquedos para a frente dela — isso não manteria ninguém fora do quarto, mas a barulheira que faria, se tentassem removê-la, a acordaria, assim esperava.

Os brinquedos dentro da caixa dormiam ainda quase todos. Mexeram-se e resmungaram enquanto ela movia sua caixa e depois voltaram a dormir. Coraline olhou debaixo da cama, procurando pelos ratos, mas não havia nada lá. Tirou seu roupão e seus chinelos, subiu na cama e mergulhou no sono sem nem mesmo tempo para refletir, enquanto o fazia, sobre o que o gato quisera

dizer com *um desafio*.



VI.

CORALINE DESPERTOU com o sol do meio da manhã em cheio sobre seu rosto.

Por alguns momentos sentiu-se totalmente deslocada. Não sabia onde se encontrava, nem estava totalmente certa de *quem* era. É surpreendente o quanto do que somos depende da cama onde acordamos pela manhã, e é surpreendente o quanto isso é frágil.

Às vezes, Coraline esquecia-se de quem era enquanto explorava o Ártico, a floresta amazônica, ou a África desconhecida em seus devaneios, e era somente quando lhe davam uns tapinhas nas costas ou chamavam o seu nome que Coraline retornava de um milhão de milhas com um susto e, em frações de segundos, tinha que se lembrar de quem era, de qual era o seu nome e até mesmo que estava lá.

Agora o sol iluminava seu rosto e ela era Coraline Jones. Sim. E então, o verde-rosa do quarto em que se encontrava, e o farfalhar

de uma grande borboleta de papel pintado que pairava e se chocava contra o teto lhe disseram onde ela havia acordado.

Desceu da cama. Não podia usar pijamas, roupão e chinelos durante o dia, concluiu; mesmo que isso significasse ter de usar as roupas da outra Coraline. (Será que havia uma outra Coraline? Não, compreendeu. Não havia. Apenas ela.) Porém, não havia roupas normais no armário. Eram fantasias ou (pensou) o tipo de roupa que adoraria ter pendurada em seu armário em casa: um traje de bruxa esfarrapado, uma roupa remendada de espantalho, um uniforme de guerreiro do futuro com pequenas luzes digitais que brilhavam e piscavam, e um vestido de festa, colante, todo coberto de plumas e espelhos. Finalmente, em uma gaveta, encontrou um par de jeans pretos, que pareciam ser feitos com o veludo da noite, e um suéter cinzento da cor da fumaça espessa, com pequenas estrelinhas no tecido cintilante.

Vestiu os jeans e o suéter. Depois, calçou um par de botas laranja brilhante que achou na parte baixa no armário.

Tirou a última maçã do bolso do roupão e em seguida, do mesmo bolso, tirou a pedra com o furo no meio.

Colocou a pedra no bolso do jeans e sua cabeça pareceu clarear-se um pouco. Como se tivesse saído de uma espécie de névoa.

Entrou na cozinha, mas estava deserta.

Tinha certeza, no entanto, de que havia alguém no apartamento. Percorreu o corredor até chegar ao estúdio do pai e descobriu que estava ocupado.

— Onde está a outra mãe? — Coraline perguntou ao outro pai. Ele estava sentado no estúdio, em uma mesa que se parecia exatamente com a mesa do seu pai, mas não estava fazendo absolutamente nada, sequer estava lendo os catálogos de jardinagem que seu pai lia quando fingia que estava trabalhando.

— Lá fora — informou ele. — Consertando as portas. Há problema com pragas. — Ele pareceu feliz de ter alguém com quem conversar.

— Quer dizer ratos?

— Não, os ratos são nossos amigos. É o outro tipo. O sujeito preto e grande, com a cauda erguida.

— Você quer dizer o gato?

— Esse mesmo — disse o outro pai.

Hoje ele estava menos parecido com seu pai verdadeiro. Havia algo ligeiramente vago em seu rosto — como massa de pão que começa a crescer e vai nivelando todas as saliências, rachaduras e depressões.

— Na verdade, não devo falar com você quando ela não estiver aqui — disse. — Mas não se preocupe, ela não sairá com muita freqüência. Eu mostrarei a você nossa gentil hospitalidade, de tal modo que você nunca sequer pense em voltar. — Fechou a boca e cruzou as mãos sobre seu colo.

— Então, o que devo fazer agora? — perguntou Coraline. O outro pai apontou para os lábios. *Silêncio.*

— Se você nem mesmo vai falar comigo — disse Coraline —, então vou explorar.

— É perda de tempo — disse o outro pai. — Não existe nenhum

outro lugar a não ser aqui. Foi tudo o que ela fez: a casa, o terreno e as pessoas da casa. Ela fez e esperou. — Então ele pareceu constrangido e pôs o dedo em frente à boca novamente, como se tivesse acabado de falar demais.

Coraline saiu do seu estúdio. Foi para a sala de visitas, até a velha porta e empurrou, sacudiu e bateu nela. Não, estava bem trancada e a outra mãe tinha a chave.

Olhou ao redor da sala. Parecia-lhe tão familiar — era isso o que a tornava tão estranha. Tudo era exatamente como ela se lembrava: havia todo o mobiliário de sua avó, com cheiro estranho, havia a pintura da bandeja de frutas (um cacho de uvas, duas ameixas, um pêssego e uma maçã) pendurada na parede, havia a mesa de madeira baixa com os pés de leão e a lareira vazia que parecia sugar o calor da sala.

Mas, havia algo mais, algo que ela não se lembrava de ter visto antes. Uma bola de vidro sobre o console da lareira.

Foi até a lareira, ficou na ponta dos pés, ergueu a bola e a abaixou. Era um globo de neve com duas pessoas pequenas dentro dele. Coraline balançou-o e a neve pôs-se a flutuar, uma neve branca que brilhava ao escorregar pela água.

Então, recolocou o globo de neve sobre o console e continuou a procurar por seus verdadeiros pais e por uma saída.

Saiu do apartamento. Passou em frente à porta com as luzes piscando, atrás da qual as outras senhoritas Spink e Forcible apresentavam eternamente seu show, e dirigiu-se para o bosque.

De onde Coraline vinha, quando se ultrapassava o grupo de árvores, avistavam-se apenas a campina e a velha quadra de tênis. Nesse lugar, o bosque ia até mais longe e as árvores ficavam cada vez mais brutas e menos parecidas com árvores à medida que se avançava.

Logo, logo elas pareciam apenas vagas impressões do que seria uma árvore: ura tronco marrom-acinzentado embaixo, uma mancha esverdeada do que poderiam ser folhas na parte de cima.

Coraline ficou a imaginar se a outra mãe não se interessava por árvores ou se apenas não tinha se incomodado com aquele pedaço em especial, porque não esperava que ninguém fosse tão longe.

Continuou andando.

E então começou a névoa.

Não era úmida como a névoa comum ou a neblina. Não era fria nem era quente. Parecia a Coraline que estava caminhando para dentro de nada.

Sou uma exploradora, pensou Coraline. *E preciso de todos os caminhos para fora daqui que puder encontrar. Portanto, continuarei a andar.*

O mundo que ela estava percorrendo era um nada descolorido, como uma folha de papel em branco ou um enorme quarto branco vazio. Não tinha nenhuma temperatura, nenhum cheiro, nenhuma textura e nenhum sabor.

Certamente não é névoa, concluiu Coraline, embora não soubesse do que se tratava. Por alguns instantes, imaginou que tinha ficado cega. Mas não, conseguia enxergar a si mesma claramente como o dia. Não havia chão sob seus pés, apenas uma brancura nevoenta e leitosa.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou uma forma ao seu lado.

Demorou alguns instantes para que seus olhos focalizassem a forma corretamente: achou, de início, que se tratava de algum tipo de leão a alguma distância dela, depois, pensou tratar-se de um rato bem ao seu lado. E então, descobriu.

— Estou explorando — disse Coraline ao gato.

Seu pêlo estava eriçado, seus olhos, abertos e sua cauda, baixa entre as pernas. Não parecia um gato feliz.

— Lugar ruim — disse o gato. — Se quiser chamar isso de lugar, o que eu não chamo. O que está fazendo aqui?

— Estou explorando.

— Não há nada para descobrir aqui — disse o gato. — Aqui é simplesmente o exterior, a parte do lugar que *ela* não se deu o trabalho de criar.

— Ela?

— Aquela que diz ser sua outra mãe — disse o gato.

— O que ela *é?* — perguntou Coraline.

O gato não respondeu, apenas andava pela neblina pálida ao lado de Coraline.

Uma forma começou a delinear-se em frente deles, grande, elevada e escura.

— Você estava errado! — disse ao gato. — Tem alguma coisa aí! E, então, a forma ganhou contorno em meio à névoa: uma casa escura que surgia da brancura informe diante deles.

— Mas essa *é*... — disse Coraline.

— A casa da qual acabou de sair — concordou o gato. —

Precisamente.

— Talvez eu tenha me virado sem perceber nessa neblina — disse Coraline.

O gato enrolou a ponta do rabo, formando um ponto de interrogação e virou a cabeça para o lado.

— *Você* pode ter feito isso — disse. — *Eu,* certamente não. Errado mesmo.

— Mas como é possível afastar-se de alguma coisa e ainda assim retornar a ela?

— Fácil — disse o gato. — Pense em alguém dando a volta ao mundo. Você começa afastando-se de alguma coisa e termina voltando para ela.

— Mundo pequeno — disse Coraline.

— É grande o bastante para ela — disse o gato. — Teias de aranha só precisam ser grandes o bastante para apanhar moscas.

Coraline arrepiou-se.

— Ele disse que ela estava consertando todos os portões e portas — disse Coraline ao gato — para manter você de fora.

— Ela pode *tentar* — respondeu o gato, não parecendo se impressionar. — Ah, sim. Ela pode tentar. — Estavam agora em pé sob um grupo de árvores, ao lado da casa. Essas árvores pareciam muito mais plausíveis. — Há entradas e saídas de lugares como este que nem mesmo *ela* conhece.

— Então foi ela quem fez esse lugar? — perguntou Coraline.

— Fez, achou... qual a diferença? — disse o gato. — Em ambos os casos, ela o tem há muito tempo. Espere... — E o gato arrepiou-se e saltou e, antes que Coraline pudesse piscar, estava sentado com uma pata em cima de um rato grande e preto. — Não aprecio ratos nem com os melhores recheios — disse o gato num tom amigável, como se nada tivesse acontecido — mas, nesse lugar, os ratos são todos espiões dela. Usa-os como seus olhos e suas mãos... — E com

isso, deixou o rato partir.

O rato correu alguns metros e então, com um pulo, o gato estava sobre ele, golpeando-o severamente com a pata de garras finas, enquanto o prendia com outra pata.

— Adoro essa parte — exclamou o gato alegremente. — Quer me ver fazer de novo?

— Não — respondeu Coraline. — Por que faz isso? Você o está torturando.

— Mmm — disse o gato. Deixou o rato sair.

O rato deu alguns passos cambaleantes e confusos e então começou a correr. Com um golpe de sua pata, o gato arremessou-o no ar, pegando-o com a boca.

— Pare! — gritou Coraline.

O gato deixou o rato cair entre suas duas patas dianteiras.

— Alguns — disse o gato suspirando, em um tom de voz tão macio como seda embebida em óleo — sugerem que a tendência dos gatos a brincar com suas presas é misericordiosa — afinal, permite ao estranho lanchinho corredor escapar de vez em quando. Quantas vezes acontece de seu jantar escapar?

E então, pegou o rato com sua boca e levou-o para a floresta, atrás de uma árvore.

Coraline caminhou de volta para a casa.

Tudo estava silencioso, vazio e deserto. Até mesmo suas pisadas sobre o chão atapetado soavam alto. Partículas de poeira penduravam-se de um raio de sol.

No final do corredor, ficava o espelho. Ela podia ver-se indo na direção dele, e, no reflexo, parecia um pouco mais corajosa do que se sentia na realidade. Não havia mais nada refletido no espelho. Apenas ela, no corredor.

Uma mão tocou-lhe o ombro e ela olhou para cima. A outra mãe olhava-a atentamente com grandes olhos de botões negros.

— Coraline, minha querida — disse ela. — Pensei que poderíamos jogar alguns jogos esta manhã, agora que você voltou da caminhada. Amarelinha? Baralho? Monopólio?

— Você não apareceu no espelho — disse Coraline. A outra mãe sorriu.

— Espelhos — disse ela —, não se deve confiar nos espelhos. E então, que jogo vamos jogar?

Coraline abanou a cabeça.

— Não quero jogar com você — disse. — Quero ir para casa e ficar com meus pais de verdade. Quero que você deixe eles irem embora. Quero que você nos deixe todos irmos embora.

A outra mãe abanou a cabeça lentamente:

— Mais afiado que o dente de uma serpente — disse ela — é a ingratidão de uma filha. Mas até o espírito mais orgulhoso pode ser vencido com o amor. — E seus longos dedos brancos moviam-se de um lado para outro e acariciavam o ar.

— Não tenho planos de amar você — disse Coraline. — Haja o que houver, não pode me obrigar a amar você.

— Vamos conversar — disse a outra mãe, virando-se e caminhando até o sofá. Coraline seguiu-a.

A outra mãe sentou-se no grande sofá. Pegou uma sacola de compras que se encontrava ao lado e puxou um saco de papel branco barulhento de dentro dela.

Estendeu a mão até Coraline.

— Aceita um? — perguntou educadamente.

Coraline olhou para baixo esperando que fossem bombons ou caramelos. O saco estava preenchido até a metade de grandes besouros reluzentes, subindo um por cima do outro no esforço de sair do saco.

— Não — disse Coraline. — Não quero.

— Você que sabe — disse a outra mãe. Pegou cuidadosamente um besouro especialmente grande, arrancou-lhe as patas (que deixou cair habilmente dentro de um cinzeiro grande de vidro sobre a mesinha ao lado do sofá) e estourou o besouro na boca. Mastigou-o alegremente.

— Hmm — exclamou, e pegou outro.

— Você é nojenta — disse Coraline. — Nojenta, estranha e má.

— Isso lá são modos de falar com sua mãe? — perguntou a outra mãe, com a boca cheia de besouro.

— Você não é minha mãe — disse Coraline. Sua outra mãe ignorou a resposta.

— Bem, acho que você está um pouco agitada demais, Coraline. A tarde, poderíamos bordar um pouco talvez ou fazer algumas pinturas com aquarela; depois, nós jantaremos; e, se *você* tiver se comportado bem, poderá brincar ura pouco com os ratos antes de dormir. Eu vou ler uma história, vou cobrir você e dar-lhe um beijo de boa noite. — Seus longos dedos brancos flutuavam gentilmente como uma borboleta cansada e Coraline sentiu um calafrio.

— Não — disse Coraline.

A outra mãe sentou-se no sofá. Sua boca era uma linha, os lábios comprimidos. Estourou mais um besouro na boca, e depois outro, como alguém que tem um saco de uvas passas cobertas de chocolate. Seus grandes olhos de botões negros fitaram os olhos cor de avelã de Coraline. Seus cabelos negros lustrosos enrolavam-se e emaranhavam-se pelo pescoço e no colo como se um vento, que Coraline não conseguia nem tocar nem sentir, soprasse sobre eles.

As duas olharam-se fixamente por mais de um minuto. Então, a outra mãe disse:

— Modos! — Dobrou o saco de papel branco cuidadosamente para que nenhum besouro escapasse e recolocou-o na sacola de compras. Depois, foi se levantando, levantando, levantando, ficando

cada vez mais alta. Parecia mais alta do que Coraline se lembrava. Enfiou a mão no bolso do avental e tirou, primeiro, a chave da porta escura, o que a fez franzir a testa, jogando a chave dentro da sacola de compras; e, depois, uma chave bem pequena prateada. Segurou-a no alto triunfalmente. — Aqui está — disse. — Isso é para você, Coraline. Para o seu próprio bem. Porque amo você. Para ensinar-lhe boas maneiras. Bons modos fazem o homem, afinal.

Empurrou Coraline para o corredor, avançando na direção do espelho que ficava no final. Em seguida, enfiou a pequena chave no tecido do espelho e *girou-a.*

O espelho abriu-se como uma porta, revelando um espaço escuro atrás dele.

— Você poderá sair quando aprender a ter modos — disse a outra mãe. — E quando estiver pronta para ser uma filha amorosa.

Segurou Coraline e empurrou-a para dentro do espaço escuro atrás do espelho. Tinha um pedaço de besouro grudado no lábio inferior. Seus olhos de botões negros não tinham expressão alguma.

Então, fechou a porta do espelho e deixou Coraline no escuro.

VII.

EM ALGUM LUGAR DENTRO DE SI MESMA, Coraline podia sentir brotar um imenso soluço. Então sufocou-o, antes que viesse à tona. Respirou profundamente e deixou-o sair. Estendeu as mãos para apalpar o lugar onde estava presa. Era do tamanho de um armário de vassouras: alto o bastante para ficar em pé ou se sentar, mas não suficientemente largo ou profundo para se deitar.

Uma das paredes era de vidro e era fria ao toque.

Coraline deu uma segunda volta na pequena saleta, passando suas mãos sobre cada superfície que podia alcançar, tentando reconhecer maçanetas, interruptores ou trancas escondidas — algum jeito de sair dali. Não achou nada.

Uma aranha correu por cima das costas da sua mão e Coraline

abafou um grito. Mas, exceto pela aranha, encontrava-se sozinha no quartinho negro como azeviche.

E então, sua mão tocou em algo que, para todos os efeitos, se parecia com as bochechas e os lábios de uma pessoa, pequenos e frios; e uma voz sussurrou-lhe ao ouvido:

— Psiiiiu! Silêncio! Não diga nada, pois a bela dama pode estar ouvindo!

Coraline não disse nada.

Sentiu uma mão fria tocar seu rosto, os dedos percorrerem-no como o bater suave de asas de mariposa.

Uma outra voz, hesitante e tão frágil que Coraline pensou estar imaginando, disse:

— Está... você está *viva?*

— Sim — sussurrou Coraline.

— Pobre criança — disse a primeira voz.

— Quem são vocês? — sussurrou Coraline.

— Nomes, nomes, nomes — disse uma outra voz, longínqua e perdida. — Os nomes são os primeiros a partir, depois que a respiração se esvai, e a batida do coração. Guardamos as nossas memórias por mais tempo do que os nossos nomes. Ainda trago em minha mente imagens da minha preceptora em uma certa manhã de maio, trazendo consigo meu aro e minha vara, o sol da manhã batendo-lhe nas costas e todas as tulipas agitando-se à brisa. Mas esqueci-me de seu nome e do nome das tulipas também.

— Não acho que as tulipas tenham nome — disse Coraline. — São apenas tulipas.

— Talvez — disse a voz com tristeza. — Mas sempre achei que aquelas tulipas deveriam ter um nome. Eram vermelhas, alaranjadas e amarelas como a brasa na lareira do quarto de brinquedos em uma noite de inverno. Recordo-me delas.

A voz soava tão triste que Coraline estendeu sua mão para o lugar de onde ela vinha, encontrando uma mão fria. Coraline apertou-a firmemente.

Seus olhos estavam começando a se acostumar à escuridão. Agora, Coraline estava vendo, ou imaginava ver, três formas, cada qual tão lânguida e pálida como a lua durante o dia. Eram formas de crianças aproximadamente do seu tamanho. A mão fria apertou sua mão de volta.

— Obrigado — disse a voz.

— Você é uma menina? — perguntou Coraline. — Ou um menino?

Houve uma pausa.

— Quando eu era criancinha, eu usava saias e os meus cabelos eram compridos e cacheados — disse indecisamente. — Mas, agora que você perguntou, acho que um dia eles tiraram minha saia e me deram calções e cortaram meus cabelos.

— Não é nada que mereça nosso cuidado — disse a primeira voz.

— Um menino, então, talvez — prosseguiu a criança cuja mão Coraline segurava. — Acho que eu era um menino. — E brilhou um pouco mais forte, na escuridão do quartinho atrás do espelho.

— O que aconteceu a todos vocês? — perguntou Coraline. — Como vieram parar aqui?

— Ela nos deixou aqui — disse uma das vozes. — Ela roubou nossos corações, roubou nossas almas e levou embora nossas vidas. Deixou-nos aqui e esqueceu-se de nós na escuridão.

— Pobrezinhos — disse Coraline. — Há quanto tempo estão aqui?

— Tanto, tanto tempo — murmurou uma outra voz.

— Sim, mais tempo do que se pode imaginar.

— Eu passei pela porta da copa — disse a voz da criança que julgava ser um menino — e me vi de volta na sala. Mas *ela* estava esperando por mim. Disse-me que era minha outra mamãe e eu nunca mais vi minha mamãe de verdade novamente.

— Fuja! — disse a primeira das vozes, uma outra menina, Coraline imaginou. — Fuja enquanto ainda existe ar em seus pulmões, sangue em suas veias e calor em seu coração. Fuja enquanto *você* ainda tem sua mente e sua alma.

— Eu não vou fugir — disse Coraline. — Ela tem meus pais. Eu voltei para recuperá-los.

— Ah, mas ela a manterá aqui enquanto os dias forem se transformando era poeira, as folhas forem caindo e os anos se passando um após o outro, como o tique-taque de um relógio.

— Não — disse Coraline. — Ela não vai. Houve um silêncio no espaço atrás do espelho.

— Se, por acaso — disse uma voz no escuro —, você conseguir salvar seu papai e sua mamãe da bela dama, poderia também libertar nossas almas.

— Ela as roubou? — perguntou Coraline chocada.

— É claro. E as escondeu.

— Por isso não pudemos ir embora daqui quando morremos. Ela nos prendeu e se alimentou de nós, até que nada sobrou de nós agora, somente peles de cobra e casulos de aranha. Ache nossos corações secretos, jovem senhorita.

— E o que acontecerá a vocês se eu achar? — perguntou Coraline.

As vozes não disseram nada.

— E o que ela fará comigo? — perguntou.

As figuras pálidas pulsaram fragilmente; Coraline podia imaginar que elas eram apenas pós-imagens, como o reflexo que permanece em nossos olhos depois que uma luz brilhante se apaga.

— Não dói — sussurrou uma voz apagada.

— Levará sua vida, tudo o que você é, tudo o que lhe é caro e não deixará nada a não ser neblina e névoa. Levará sua alegria. E, um dia, você vai acordar e seu coração e sua alma terão partido.

Um casco você será, um fiapo será. Não mais do que um sonho ao despertar ou a lembrança de algo esquecido.

— Vazia — sussurrou a terceira voz. — Vazia, vazia, vazia, vazia, vazia.

— Você tem que fugir — suspirou uma voz debilmente.

— Acho que não — disse Coraline. — Tentei escapar, mas não funcionou. Ela simplesmente capturou meus pais. Vocês podem me

dizer como sair desse quarto?

— Se soubéssemos, lhe diríamos.

— Pobres coitadinhos — pensou Coraline.

Sentou-se. Tirou o suéter, enrolou-o e colocou-o sob a cabeça como travesseiro.

— Ela não vai me deixar no escuro para sempre — disse Coraline. — Ela me trouxe aqui para jogar jogos. *Jogos e desafios,* disse o gato. Não sou um grande desafio aqui no escuro. — Tentou achar uma posição confortável, dobrando-se e curvando para caber no espaço confinado atrás do espelho.

Seu estômago roncou. Comeu sua última maçã, mordendo-a aos pouquinhos, fazendo-a durar o máximo que podia. Quando terminou ainda tinha fome.

Então, uma idéia lhe ocorreu e ela sussurrou:

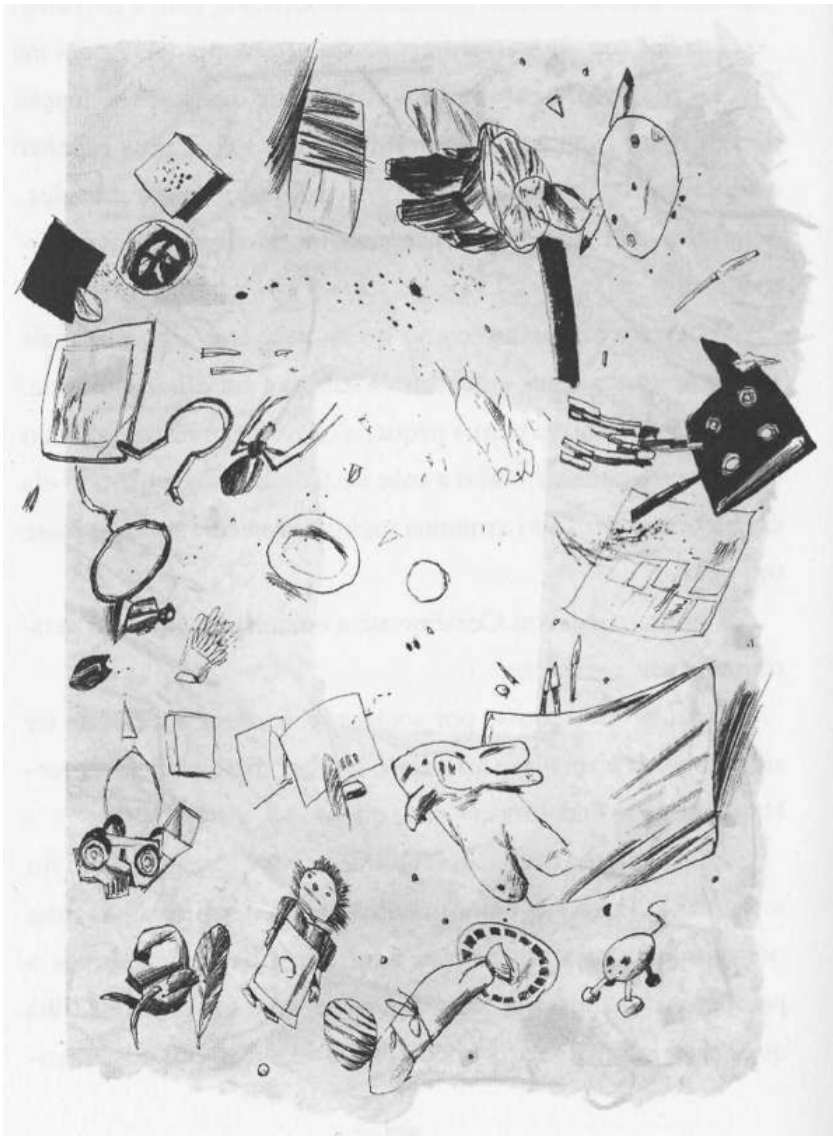
— Quando ela vier me soltar, por que vocês três não vêm comigo?

— Gostaríamos de poder ir — suspiraram para Coraline com vozes quase ausentes. — Mas ela tem nossos corações em sua guarda. Pertencemos agora aos lugares vazios e escuros. A luz nos paralisaria e queimaria.

— Oh — exclamou Coraline.

Fechou os olhos, o que tornou a escuridão mais escura, descansou a cabeça sobre o suéter enrolado e tentou dormir. E, ao adormecer, julgou sentir um fantasma beijar-lhe a bochecha ternamente, e uma pequena voz sussurrar-lhe ao ouvido, uma voz tão tênue, que quase não estava lá, um resto de voz tão suave e insignificante que Coraline quase podia crer que a estava imaginando.

— Olhe através da pedra — disse-lhe a voz. E então, Coraline adormeceu.



VIII.

A OUTRA MÃE parecia mais saudável do que antes: as maçãs de seu rosto estavam ligeiramente rosadas e os seus cabelos ondulavam como serpentes preguiçosas em um dia de calor. Seus olhos de botões negros pareciam ter sido lustrados recentemente.

Penetrara o espelho, como quem atravessa algo não mais sólido do que a água, e abaixara a cabeça para olhar Coraline. Abrira depois a porta com a pequena chave de prata, apanhando Coraline exatamente como a mãe de Coraline fazia quando ela era menor, embalando a menina meio adormecida como se fosse um bebê.

A outra mãe levou Coraline até a cozinha e colocou-a gentilmente sobre o balcão.

Coraline esforçou-se por acordar, consciente apenas de ter sido abraçada e amada, e querendo receber mais, e então, percebendo onde se encontrava e com quem.

— Aqui, minha doce Coraline — disse sua outra mãe. — Eu fui te buscar no armário. Você precisava aprender uma lição, mas nós temperamos a justiça com a misericórdia aqui: amamos o pecador e odiamos o pecado. Agora, se *você* for uma boa filha que ama a sua mãe, se for cordata e afável, eu e você nos entenderemos perfeitamente bem e nos amaremos perfeitamente uma à outra também.

Coraline esfregou a poeira dos olhos.

— Havia outras crianças lá — disse ela. — Velhas crianças de muito tempo atrás.

— Lá? — perguntou a outra mãe. Estava apressada entre as frigideiras e a geladeira, tirando ovos, queijos, manteiga e um pedaço de bacon rosado fatiado.

— Sim — disse Coraline. — Estavam lá. Acho que você está

planejando me transformar em uma delas. Uma concha vazia.

Sua outra mãe sorriu gentilmente. Com uma das mãos quebrou os ovos na tigela; com a outra, bateu-os e mexeu-os. Depois deixou cair um pedaço de manteiga sobre a frigideira, onde ele chiou, estalou e ficou rodando enquanto ela cortava algumas fatias finas de queijo. Despejou a manteiga derretida e o queijo na mistura de ovos e bateu mais um pouco.

— Olha, eu acho que você está sendo boba, querida — disse a outra mãe. — Eu amo você. Sempre te amarei. E, de qualquer maneira, nenhuma pessoa sensata acredita em fantasmas — isso porque são todos uns grandes mentirosos. Sinta o cheiro do café da manhã maravilhoso que estou preparando para você. — Despejou a mistura amarela na frigideira. — Omelete de queijo. Seu favorito.

A boca de Coraline encheu-se de água.

— Você gosta de jogos — disse Coraline. — Foi o que me disseram.

Os olhos negros da outra mãe lampejaram.

— Todo mundo gosta de jogos — foi tudo o que respondeu.

— Sim — disse Coraline. Desceu do balcão e sentou-se à mesa.

O bacon chiava e estalava com as chamas. Tinha um cheiro maravilhoso.

— Você não ficaria mais feliz se me ganhasse, honesta e claramente? — perguntou Coraline.

— Possivelmente — disse a outra mãe. E deu um show de indiferença, mas seus dedos mexiam e tamborilavam. Lambeu os lábios com sua língua escarlate: — O que exatamente está oferecendo?

— Eu — disse Coraline, segurando os joelhos embaixo da mesa para evitar que tremessem. — Se eu perder, ficarei aqui com você para sempre e deixarei você me amar. Serei a mais obediente das filhas. Comerei sua comida e jogarei baralho com você. E deixarei você costurar seus botões nos meus olhos.

Sua outra mãe olhava-a sem pestanejar os botões negros.

— Isso me soa muito bem — disse. — E se você não perder?

— Então você me deixa ir embora. Você deixa todos irem embora — meu pai e minha mãe de verdade, as crianças mortas, todos os que você prendeu aqui.

A outra mãe retirou o bacon do fogo e colocou-o no prato. Em seguida, fez com que a omelete de queijo deslizasse da frigideira sobre o prato, sacudindo-a, aos poucos, deixando-a dobrar-se em uma forma perfeita de omelete.

Colocou o prato do café da manhã na frente de Coraline, acompanhado de suco de laranja fresco e de uma caneca de chocolate quente espumante.

— Sim — disse ela. — Acho que gosto desse jogo. Mas que tipo de jogo será? Charadas? Teste de conhecimento, de habilidade?

— Um jogo de exploração — sugeriu Coraline. — Um jogo de achar coisas.

— E o que você pensa encontrar nesse jogo de esconde-esconde?

Coraline hesitou. Então:

— Meus pais — disse. — E as almas das crianças atrás do espelho. A outra mãe sorriu triunfante com a resposta, e Coraline duvidou se teria feito a escolha certa. Mas agora era tarde demais para mudar de idéia.

— Negócio fechado — disse a outra mãe. — Agora tome seu café da manhã, querida. Não se preocupe, não vai morder você.

Coraline olhou para o café da manhã, odiando-se por ceder tão facilmente, mas estava morrendo de fome.

— Como posso saber que você vai manter sua palavra? — perguntou Coraline.

— Eu juro — disse a outra mãe. — Eu juro pelo túmulo da minha mãe.

— Ela tem um túmulo? — perguntou Coraline.

— Oh, sim — disse a outra mãe. — Eu mesma a coloquei lá. E quando descobri que estava tentando arrastar-se para fora, coloquei-a de volta.

— Jure por outra coisa. Para que eu possa confiar que manterá a sua palavra.

— Minha mão direita — disse a outra mãe, levantando a mão. Moveu os longos dedos vagarosamente, exibindo as unhas em forma de garras. — Juro por ela.

Coraline encolheu os ombros.

— OK — disse. — Negócio fechado.

Tomou o café da manhã tentando não devorá-lo. Estava mais faminta do que imaginara.

Enquanto comia, sua outra mãe olhava-a fixamente. Era difícil ler alguma expressão naqueles olhos de botões negros, mas pareceu a Coraline que sua outra mãe também estava com fome.

Bebeu o suco de laranja, mas, mesmo sabendo que iria gostar, não conseguiu se convencer a provar o chocolate quente.

— Por onde devo começar a procurar? — perguntou Coraline.

— Por onde quiser — disse a outra mãe, como se não desse a mínima importância.

Coraline olhou-a e esforçou-se por refletir profundamente. Explorar o jardim e o terreno da casa estava fora de questão, concluiu. Eles não existiam, não eram reais. Não havia quadra de tênis abandonada no mundo da outra mãe, nem poço sem fundo. Tudo o que havia era a casa em si.

Olhou em volta da cozinha. Abriu o forno, deu uma espiada no freezer, bisbilhotou no compartimento de verduras da geladeira. A outra mãe a seguia por toda parte, olhando-a com um sorriso malicioso pairando no canto dos lábios.

— Aliás, qual o tamanho de uma alma? — perguntou Coraline.

A outra mãe sentou-se à mesa da cozinha e encostou-se na parede sem dizer nada. Ficou limpando os dentes com a longa unha pintada de esmalte carmesim, e, depois, começou a bater o dedo gentilmente *tap-tap-tap,* contra a superfície negra e polida dos seus olhos de botões negros.

— Ótimo — disse Coraline. — Não me diga. Não ligo. Não me importo se você vai me ajudar ou não. Todo mundo sabe que uma alma é do tamanho de uma bola de praia.

Esperava que a outra mãe dissesse algo como:

— Bobagem, são do tamanho de cebolas maduras — ou malas — ou relógios de avô — mas a outra mãe simplesmente sorriu, e o *tap-tap-tap* da sua unha sobre o olho era tão constante e implacável como o gotejar da água da torneira na pia. E então, Coraline percebeu que *era* apenas o barulho da água, e que se encontrava sozinha na sala. Coraline sentiu um calafrio. Preferia que a outra

mãe estivesse em algum lugar: se não estivesse em lugar algum, poderia estar em toda parte. E, por fim, é sempre mais fácil ter medo de uma coisa que não se pode ver. Enfiou as mãos nos bolsos e seus dedos se fecharam em volta da forma tranqüilizadora da pedra com o furo no meio. Retirou-a do bolso, segurou-a à sua frente, como se estivesse segurando uma arma, e foi para o corredor.

Não se ouvia som algum, exceto o *tap-tap* da água gotejando na pia de metal.

Coraline olhou de relance o espelho no final do corredor. Por um instante, ele se turvou e pareceu-lhe que havia rostos nadando nele, indistintos e sem forma, e então os rostos se evanesceram e já não havia nada no espelho, exceto uma menina, pequena para a sua idade, segurando algo que brilhava suavemente como um carvão verde.

Coraline olhou para a sua mão surpresa: era apenas a pedra com o furo no meio, um cristal desconhecido marrom. Então olhou novamente para o espelho, onde a pedra brilhava como uma esmeralda. Um rastro de fogo verde partiu do cristal no espelho e flutuou em direção ao quarto de Coraline.

— Hmm — murmurou Coraline.

Caminhou até o quarto. Os brinquedos flutuavam excitadamente à medida que entrava, como se estivessem contentes de vê-la. Um pequeno tanque rolou para fora da caixa de brinquedos para cumprimentá-la, passando com sua esteira por cima de vários brinquedos. Caiu da caixa sobre o chão, girando durante a queda e ficando deitado sobre o tapete como um besouro de pernas para o ar, rosnando, resmungando e rolando suas esteiras até Coraline ir pegá-lo e desvirá-lo. O tanque fugiu para debaixo da cama envergonhado.

Coraline olhou ao redor do quarto.

Olhou nos armários e nas gavetas. Então, pegou uma das extremidades da caixa de brinquedos e virou todos os brinquedos de dentro dela sobre o tapete, onde eles resmungaram, se espreguiçaram e se sacudiram desengonçadamente livres uns dos outros. Uma bolinha de gude cinza rolou pelo chão e tiniu contra a parede. Nenhum dos brinquedos tinha jeito especial de alma, pensou. Apanhou e examinou uma pulseira talismã de prata, onde animais talismãs encontravam-se pendurados, perseguindo-se mutuamente no perímetro da pulseira, a raposa jamais alcançando o coelho, o urso jamais ganhando da raposa.

Coraline abriu sua mão e olhou a pedra com o furo no meio, na esperança de achar uma pista, porém não encontrou nada. A maior parte dos brinquedos de dentro da caixa tinham engatinhado agora para se esconder embaixo da cama e os poucos que sobraram (um soldado de plástico verde, a bola de gude, um iô-iô rosa-choque) eram o tipo de coisa que fica no fundo das caixas de brinquedos no

mundo de verdade — objetos esquecidos, abandonados e mal amados.

Coraline estava quase indo embora procurar em outros lugares. Então, lembrou-se da voz no escuro, um sussurro suave, e do que ela lhe dissera para fazer. Ergueu a pedra com o furo no meio e segurou-a em frente ao seu olho direito. Fechou o olho esquerdo e olhou o quarto através do furo na pedra.

Pelo furo, o mundo era cinzento e descolorido como um desenho a lápis. Tudo nele era cinza — não, não tudo: algo reluzia no chão, algo da cor de uma brasa na lareira de um quarto de criança, da cor de uma tulipa escarlate e alaranjada, acenando sob o sol de maio. Coraline estendeu a mão esquerda, com muito medo de que aquilo sumisse, se ela tirasse o olho do lugar, e procurou atrapalhadamente pegar a brasa ardente.

Seus dedos se fecharam em torno de algo liso e frio. Pegou a coisa bruscamente, depois abaixou a pedra com o furo no meio e olhou para baixo. A bola de gude cinza do fundo da caixa de brinquedos encontrava-se sobre a palma rosada da sua mão. Ergueu novamente a pedra à altura do seu olho, e olhou através dela para a bola de gude. Novamente a bola de gude ardia e bruxuleava com um fogo vermelho.

Uma voz sussurrou em sua mente:

— De fato, senhorita, ocorre-me que certamente *era* um menino, agora que refleti sobre isso. Oh, mas precisa apressar-se. Ainda há dois de nós para encontrar e a bela dama já está furiosa por você ter me descoberto.

Se vou fazer isso, pensou Coraline, *não vou fazer usando as roupas dela.* Vestiu de volta seu pijama, seu roupão e chinelos, deixando o suéter cinza e o jeans preto dobrados cuidadosamente sobre a cama, as botas cor de laranja sobre o chão junto à caixa de brinquedos.

Colocou a bola de gude no bolso do seu roupão e saiu para o corredor.

Algo picou-lhe a face e as mãos como areia soprando na praia em um dia de ventania. Cobriu os olhos e forçou o caminho.

As picadas de areia foram piorando e foi ficando cada vez mais difícil andar, como se estivesse avançando contra o vento em um dia especialmente tempestuoso. Tratava-se de um vento ferino, um vento frio.

Ela deu um passo para trás de onde vinha.

— Oh, continue — sussurrou uma voz fantasmagórica em seu ouvido —, pois a bela dama está com raiva.

Coraline deu um passo à frente no corredor enfrentando nova rajada de vento, que picava suas bochechas e o seu rosto como areia invisível, afiada como agulhas, afiada como vidro.

— Jogue limpo — Coraline gritou ao vento.

Não houve resposta, mas o vento açoitou-a petulantemente mais uma vez, e então afastou-se. Ao passar pela cozinha, Coraline podia ouvir no silêncio repentino, o *drip-drip* da torneira vazando ou, talvez, as longas unhas da outra mãe batendo impacientemente contra a mesa. Coraline resistiu ao ímpeto de olhar.

Com alguns passos largos alcançou a porta da frente e saiu.

Desceu os degraus e deu a volta na casa, até chegar ao apartamento das outras senhoritas Spink e Forcible. As lâmpadas em volta da porta acendiam e apagavam quase aleatoriamente agora, sem formar nenhuma palavra compreensível a Coraline. A

porta estava fechada. Tinha medo que estivesse trancada e empurrou-a com toda a sua força. A porta inicialmente emperrou, então, de repente, cedeu e Coraline tropeçou com o impulso para dentro da sala escura à sua frente.

Coraline fechou uma das mãos em torno da pedra com o furo no meio e seguiu em frente rumo à escuridão. Esperava encontrar uma ante-sala com uma cortina, mas não havia nada lá. A sala estava escura. O teatro, vazio. Prosseguiu cautelosamente. Algo fez um ruído acima dela. Olhou para cima, para uma escuridão mais profunda, e, ao fazê-lo, seus pés bateram em algo. Ela abaixou-se, apanhou uma lanterna e acendeu-a, varrendo a sala com o facho de luz.

O teatro encontrava-se abandonado e descuidado. Havia cadeiras quebradas por sobre o chão. Teias de aranha velhas e empoeiradas cobriam as paredes e pendiam da madeira apodrecida e das cortinas de veludo em decomposição.

Algo farfalhou novamente. Coraline dirigiu o facho de luz para cima, na direção do telhado. Havia coisas lá, sem cabelos, gelatinosas. Pensou que algum dia poderiam ter tido rostos, poderiam até ter sido cachorros; mas cachorro nenhum tem asas como morcego ou pode se pendurar como aranha ou morcego, de cabeça para baixo.

A luz assustou as criaturas e uma delas alçou vôo, suas asas zunindo pesadamente pela poeira. Coraline desviou-se rapidamente

quando a criatura fez um mergulho rasante em sua direção. A criatura foi descansar em uma parede distante e começou a escalar, com a cabeça para baixo, de volta ao ninho de cachorros-morcegos no teto.

Coraline suspendeu a pedra à altura do olho e escaneou a sala através dela, procurando por algo que ardesse ou cintilasse, um sinal indicador de que, em algum lugar naquela sala, encontrava-se escondida uma outra alma. Fez correr o facho de luz da lanterna por toda a sala enquanto procurava e a densa poeira no ar fazia com que o raio de luz parecesse quase sólido.

Havia algo na parte de cima da parede, atrás do palco arruinado. Era de cor branca acinzentada, tinha o dobro do tamanho de Coraline e estava grudado à parede como uma lesma. Coraline respirou profundamente. *Não estou com medo,* convenceu-se. *Não estou.* Não acreditou no que disse, mas escalou com dificuldade o velho palco, seus dedos afundando-se na madeira apodrecida enquanto ela se alçava.

Ao aproximar-se da coisa na parede, percebeu que se tratava de alguma espécie de casulo, como uma bolsa de ovos de aranha. Contraía-se ao contato com a luz. Dentro do casulo, havia algo que se parecia com uma pessoa, porém uma pessoa com duas cabeças, com o dobro de braços e de pernas que deveria ter.

A criatura no receptáculo parecia horrivelmente disforme e inacabada, como se duas pessoas de plasticina tivessem sido

aquecidas e enroladas juntas, amassadas e espremidas em uma coisa.

Coraline hesitou. Não queria chegar perto da coisa. Os cachorros-morcegos caíram um por um do teto e começaram a girar em torno da sala, aproximando-se de Coraline sem nunca tocá-la.

Talvez não haja nenhuma alma escondida aqui, Coraline pensou. *Talvez eu possa sair e ir para outro lugar.* Deu uma última olhada pelo furo da pedra: o teatro abandonado permanecia de um cinza frio, porém, agora, um brilho marrom, tão profundo e radiante como a madeira de cerejeira lustrada, saía de dentro do casulo. Seja o que for que brilhasse, estava seguro por uma das mãos da coisa na parede.

Coraline caminhou lentamente através do palco úmido, tentando fazer o mínimo de barulho possível, com medo que, se perturbasse a coisa no casulo, ela abriria os olhos, a veria, e então...

E Coraline não podia pensar em nada mais apavorante do que ter aquilo olhando para ela. Seu coração batia forte no peito. Avançou mais um passo. Nunca se sentira tão apavorada, mas, mesmo assim, seguiu em frente até chegar ao casulo. Então, enfiou sua mão dentro da brancura pegajosa e aderente da substância na parede, a qual estalava suavemente como um fogo baixo enquanto sua mão adentrava. A substância aderia a sua pele e suas roupas como fazem as teias de aranha ou o algodão-doce. Enfiou a mão até que tocou numa mão fria que estava,

Coraline podia senti-lo, cerrada em torno de uma outra bola de gude. A pele da criatura era escorregadia, como se tivesse sido coberta de gelatina. Coraline puxou com força a bola de gude.

A princípio não aconteceu nada: a bola de gude estava firmemente segura no punho da criatura. Então, um a um, os dedos afrouxaram o aperto e a bola de gude deslizou para a mão de Coraline. Ela retirou o braço pela trama grudenta, aliviada com o fato de os olhos da criatura não se terem aberto. Iluminou seus rostos: pareciam-se com as versões jovens da senhorita Spink e da senhorita Forcible, concluiu, porém misturadas e espremidas juntas, como dois montes de cera derretidos e fundidos juntos formando uma coisa horrível.

Sem dar nenhum aviso, a mão de uma das criaturas agarrou o braço de Coraline. As unhas arranharam sua pele, mas eram demasiado escorregadias para apertar, e Coraline desvencilhou-se com sucesso. E então os olhos se abriram: quatro botões negros reluziram, fitando Coraline do alto, e duas vozes, que não se pareciam com nada que Coraline jamais ouvira, começaram a falar com ela. Uma delas gemia e sussurrava, a outra zunia como uma mosca varejeira gorda e enfurecida no vidro da janela. Mas as vozes falavam como se fossem uma só pessoa:

— Ladra! Devolva-a! Pare! Ladra!

O ar animou-se com os cachorros-morcegos. Coraline começou a ceder. Compreendeu então que, por mais aterrorizante que fosse a coisa que, um dia, tinha sido as outras senhoritas Spink e Forcible, ela achava-se agora presa por sua teia à parede, encerrada em seu casulo. Não poderia segui-la.

Os cachorros-morcegos batiam as asas e esvoaçavam em volta de Coraline, mas não faziam nada para feri-la. Ela desceu do palco, percorreu com a lanterna o velho teatro, procurando pela saída.

— Fuja, senhorita — murmurou uma voz de menina em sua cabeça. — Fuja, agora. Você tem dois de nós. Fuja deste lugar enquanto seu sangue ainda corre.

Coraline pôs a bola de gude no bolso ao lado da outra. Avistou a porta, correu até ela e empurrou-a até abrir.

IX.

DO LADO DE FORA, o mundo havia se transformado em uma névoa informe que se movia em espiral, sem contornos nem sombras, enquanto a casa, propriamente dita, parecia ter se torcido e esticado. Coraline tinha a impressão de que a casa estava se curvando e que a olhava nos olhos, como se não fosse realmente uma casa mas apenas a idéia de uma casa — e que a pessoa que tivera a idéia, Coraline tinha certeza, não era uma pessoa boa. Havia um pouco da substância do casulo grudada no seu braço e Coraline limpou-a o melhor que pôde. As janelas cinzentas da casa inclinavam-se em estranhas angulações.

A outra mãe estava esperando por ela de braços cruzados em pé sobre a grama. Seus olhos de botões negros permaneciam inexpressivos, mas comprimia os lábios com uma fúria fria.

Quando avistou Coraline estendeu a mão comprida e branca e dobrou um dedo. Coraline caminhou em sua direção. A outra mãe não disse nada.

— Tenho duas — disse Coraline. — Ainda falta uma alma.

A expressão no rosto da outra mãe permaneceu inalterada. Talvez não tivesse ouvido o que Coraline disse.

— Bem, pensei que gostaria de saber — disse Coraline.

— Obrigada, Coraline — respondeu a outra mãe friamente e sua voz não saía somente da boca. Saía do nevoeiro, da neblina, da casa e do céu. Ela disse:

— Você sabe que amo você.

E a despeito de si mesma, Coraline acenou com a cabeça. Era a verdade: a outra mãe a amava. Amava-a, no entanto, como um avaro ama o dinheiro ou como um dragão ama seu ouro. Coraline sabia que aos olhos de botões da outra mãe, ela era uma posse, nada mais. Um bicho de estimação tolerado, cujo comportamento já não era mais divertido.

— Não quero o seu amor — disse Coraline. — Não quero nada de você.

— Nem mesmo uma mãozinha? — perguntou a outra mãe. — Afinal, você está se saindo tão bem. Pensei que talvez quisesse uma pequena dica para ajudá-la no resto da sua caça ao tesouro.

— Estou indo bem sozinha — disse Coraline.

— Sim — continuou a outra mãe. — Mas se quisesse entrar no apartamento da frente — o vazio — para dar uma olhada, encontraria a porta trancada, e então, como ficaria?

— Ah — Coraline meditou por um instante. Então disse: — Há uma chave?

A outra mãe erguia-se ali, em meio à neblina cor de papel cinza do mundo que se achatava. Seus cabelos negros flutuavam em volta da cabeça como se possuíssem uma mente e um propósito completamente seus. Tossiu subitamente do fundo da garganta e então abriu a boca.

Estendeu a mão e retirou de sobre a língua a pequena chave de latão da porta da frente.

— Aqui — disse. — Você precisará disso para entrar.

Atirou a chave casualmente para Coraline, que a apanhou com uma só mão, antes mesmo de pensar se a queria ou não. A chave estava ainda um pouco úmida.

Um vento gélido soprou em torno delas. Coraline sentiu calafrios e virou a cabeça. Quando voltou a olhar estava sozinha.

Incerta, deu a volta na casa até a frente, ficando diante da porta de entrada do apartamento vago. Como todas as portas, aquela tinha sido pintada de verde brilhante.

— Ela não te quer mal — sussurrou uma voz fantasma em seu ouvido. — Mas não acreditamos que queira te ajudar. Deve ser uma artimanha.

Coraline disse:

— Sim, você está certo, espero. — Então, pôs a chave na fechadura e girou-a.

A porta abriu-se silenciosamente e, silenciosamente, Coraline entrou.

O apartamento tinha paredes da cor de leite velho. As tábuas de madeira do chão estavam sem tapetes e empoeiradas, com as marcas e os desenhos de tapetes velhos, grandes e pequenos, sobre elas.

Dentro, não havia móveis, apenas os lugares que os móveis haviam ocupado um dia. Não havia decoração sobre as paredes; havia retângulos descoloridos que mostravam onde as pinturas e as fotografias tinham sido penduradas. Era tão grande o silêncio, que Coraline julgava poder ouvir as partículas de poeira flutuando no ar.

Coraline percebeu que tinha muito medo que algo pulasse em cima dela e começou a assobiar. Pensou que assobiando seria mais difícil de as coisas pularem em cima dela.

Primeiro atravessou a cozinha deserta. Em seguida, atravessou um banheiro vazio com apenas uma banheira de ferro fundido e, dentro dela, uma aranha morta do tamanho de um gato pequeno. O

último cômodo que viu tinha sido, um dia, um quarto, supôs. Imaginou que a sombra retangular de poeira sobre o assoalho de madeira tinha sido, um dia, uma cama. Então, avistou algo e sorriu com severidade. Fixada ao assoalho, achava-se uma grande argola de metal. Coraline ajoelhou-se, segurou a argola fria e puxou-a para cima o mais forte que pôde.

Um quadrado de chão terrivelmente duro, lento e pesado, preso por dobradiças, se abriu: era um alçapão. Abriu-se e, pela abertura, Coraline via apenas escuridão. Estendeu a mão para baixo e achou um interruptor frio. Deu-lhe uma pancada leve sem muita esperança de que funcionasse mas, em algum lugar embaixo dela, uma lâmpada acendeu e uma luz amarelada fraca subiu pelo buraco no chão. Podia ver degraus para baixo e mais nada.

Coraline pôs a mão no bolso e retirou a pedra com o furo no meio. Olhou a adega através da pedra mas não viu nada. Recolocou a pedra no bolso.

Pelo buraco, subia um cheiro de argila úmida e de algo mais, um odor acre e picante como vinagre azedo.

Coraline desceu pelo buraco, olhando o alçapão nervosamente. Era tão pesado que, se caísse, ela sabia que ficaria presa na escuridão para sempre. Estendeu a mão e mexeu no alçapão, este permaneceu na mesma posição. Então, Coraline voltou-se para a escuridão abaixo dela e desceu os degraus. No final da escada, preso à parede, havia um outro interruptor de luz, metálico e enferrujado.

Empurrou-o até fazer clique e uma lâmpada pendurada por um arame no teto rebaixado acendeu. Não emitia luz suficiente para que Coraline pudesse decifrar o que havia sido pintado sobre as paredes escamadas da adega. As pinturas pareciam grosseiras. Havia olhos — isso podia ver — e coisas que talvez pudessem ter sido uvas. E mais outras coisas abaixo delas. Coraline não conseguia decidir se eram pinturas de pessoas.

Havia uma pilha de lixo em um canto do cômodo: caixas de papelão cheias de papéis mofados, e cortinas em deterioração amontoadas ao lado.

As chinelas de Coraline deslizavam ruidosamente pelo chão de cimento. O mau cheiro havia piorado. Ela estava pronta para dar meia-volta e sair, quando viu o pé saliente sob o amontoado de cortinas.

Respirou profundamente (o fedor de vinho azedo e de pão embolorado enchia sua cabeça) e afastou o pano úmido, descobrindo algo aproximadamente do tamanho e da forma de uma pessoa.

Sob a luz tênue, Coraline levou vários segundos até reconhecer de fato a coisa: era pálida e inchada como uma larva, as pernas e os braços finos como varas. Quase não havia traços em seu rosto, que se inchara e inflara como massa de pão fermentada.

Tinha dois grandes botões negros no lugar onde deveriam ter sido os olhos.

Coraline fez um barulho, um som de repugnância e horror; e, como se a tivesse ouvido e acordado, a coisa pôs-se a sentar. Coraline ficou ali em pé paralisada. A coisa girou a cabeça até que seus dois olhos de botões negros apontaram diretamente para Coraline. Uma boca se abriu no rosto sem boca; fios de matéria sem cor grudavam-se aos lábios e uma voz, que nem mesmo vagamente lembrava a de seu pai, murmurou:

— Coraline.

— Bem — disse Coraline para a coisa que um dia fora seu outro pai —, pelo menos você não pulou em cima de mim.

As mãos em forma de galhos da criatura moveram-se até seu rosto e ficaram mexendo no barro descolorido, fazendo algo que se parecia com um nariz. Não disse nada.

— Estou procurando meus pais — disse Coraline. — Ou a alma roubada de alguma das outras crianças. Será que estão aqui

embaixo?

— Não há nada aqui embaixo — disse a coisa pálida, indistintamente. — Nada a não ser poeira, umidade e esquecimento. A coisa era branca, enorme e inchada. *Monstruoso,* pensou Coraline, *mas também infeliz.* Ergueu a pedra com um furo no meio à altura dos olhos e olhou através dela. Nada. A coisa pálida dissera-lhe a verdade.

— Coitado — disse Coraline. — Aposto como ela fez você vir aqui para baixo como castigo por ter me dito coisas demais.

A coisa hesitou e depois concordou com um aceno. Coraline perguntou-se como algum dia pudera imaginar que aquela coisa com jeito de larva se parecia com seu pai.

— Sinto muito — disse.

— Ela não está nada contente — disse a coisa que um dia fora seu outro pai. — Nada contente mesmo. Você a contrariou muito. E, quando ela é contrariada, desconta em todo mundo. E o jeito dela.

Coraline passou a mão na sua cabeça sem cabelos. A pele era pegajosa como massa quente de pão.

— Coitado — disse ela. — Você é apenas uma coisa que ela fez e depois jogou fora.

A coisa acenou vigorosamente com a cabeça; ao acenar, o olho de botão esquerdo caiu tinindo sobre o chão de concreto. A coisa olhou vagamente ao seu redor com seu único olho, como se houvesse perdido Coraline. Finalmente avistou-a, e, fazendo um esforço imenso, abriu a boca novamente e disse com uma voz úmida e urgente:

— Fuja, menina. Saia deste lugar. Ela quer que eu machuque você, para você ficar aqui para sempre, para que não consiga jamais acabar o jogo e ela vença. Está me instigando a ferir você. Não posso lutar contra ela.

— Você *pode* — disse Coraline. — Tenha coragem. Coraline olhou à sua volta: a coisa que um dia fora o outro pai achava-se entre ela e os degraus que subiam para fora da adega. Começou a deslocar-se pela lateral da parede rumo à escada. A coisa contorceu-se desossadamente até que seu único olho estava novamente encarando Coraline. Parecia estar crescendo e ficando mais desperto.

— Ai de mim — disse —, não posso.

E avançou pela adega na direção de Coraline, com a boca desdentada inteiramente aberta.

Coraline tinha apenas o tempo de uma batida de seu coração para reagir. Conseguia pensar em fazer somente duas coisas: gritar e tentar fugir e ser perseguida pela coisa-larva por uma adega mal iluminada até ser apanhada ou fazer algo diferente.

Então fez algo diferente.

Quando a coisa se aproximou, Coraline estendeu a mão e agarrou o olho de botão que sobrara, puxando-o com toda a força que podia.

Por um instante nada aconteceu. Em seguida, o botão desprendeu-se e escorregou da sua mão, batendo contra as paredes antes de cair no chão da adega.

A coisa paralisou no lugar. Jogou para trás a cabeça pálida com um movimento cego, escancarou horrivelmente a boca e urrou de raiva e frustração. Então, num ímpeto, virou-se para o lugar onde Coraline estivera.

Mas Coraline já não estava mais lá. Subia na ponta dos pés, o mais silenciosamente possível, os degraus que a levariam para fora da adega escura, com pinturas grosseiras nas paredes. Não conseguia, no entanto, tirar os olhos do chão abaixo, onde a coisa pálida se debatia e contorcia a persegui-la. Então, como se alguém lhe dissesse o que fazer, a criatura parou e sua cabeça cega girou para o lado.

Ele está tentando me escutar, pensou Coraline. *Preciso ser ultra-silenciosa.* Subiu mais um passo, seu pé escorregou no degrau e a coisa a ouviu.

Sua cabeça girou na direção de Coraline. Por um momento, ficou oscilando como se estivesse ganhando força, então, veloz como uma serpente, escorregou até os degraus e começou a deslizar por sobre eles. Coraline virou e correu freneticamente a última meia dúzia de degraus, jogando-se por sobre o chão do quarto empoeirado. Sem parar, puxou o pesado alçapão em sua direção e soltou-o. Ele fechou-se com um estrondo no momento em que alguma coisa grande batia contra ele. O alçapão sacudiu e estremeceu ruidosamente no chão, mas permaneceu onde estava.

Coraline respirou profundamente. Se houvesse algum móvel

naquele apartamento, até mesmo uma cadeira, ela a teria puxado para cima do alçapão, mas não havia.

Saiu do apartamento o mais rápido que pôde, sem chegar a correr realmente, e trancou a porta de entrada atrás dela. Deixou a chave da porta sob o capacho. Então, desceu até a entrada.

Tinha uma certa expectativa de que a outra mãe estivesse lá, aguardando sua saída, mas o mundo estava silencioso e vazio.

Coraline queria ir para casa.

Abraçou-se e convenceu-se de que era corajosa, quase acreditando no que estava dizendo, e então deu a volta até um dos lados da casa, na neblina cinzenta que não era neblina, e dirigiu-se à escada.

X.

CORALINE SUBIU A ESCADA do lado de fora do prédio até o último apartamento, onde, em seu mundo, vivia o velho maluco do andar de cima. Estivera lá uma vez com sua mãe verdadeira, quando ela estava angariando fundos para caridade. Ficara no vão aberto da porta, esperando que o velho maluco de bigodes enormes achasse o envelope que a mãe de Coraline havia lhe deixado. O apartamento cheirava a comidas estranhas, a fumo de cachimbo e a coisas com odor pungente e esquisito de queijo, que Coraline não saberia nomear. Não quisera ir além dali.

— Sou uma exploradora — disse Coraline alto, mas suas palavras soaram abafadas e mortas na atmosfera nebulosa. Conseguira escapar da adega, não conseguira?

E de fato escapara. Mas, se havia uma coisa da qual Coraline não tinha a menor dúvida, era que esse apartamento seria pior.

Chegou ao topo da casa. O apartamento mais alto fora o sótão antigamente, mas isso há muito tempo.

Coraline bateu na porta pintada de verde. Esta abriu-se totalmente e ela entrou.

Temos olhos, temos nervos

Temos dentes, temos rabos

Todos terão o que merecem

Quando surgirmos dos ralos.

sussurraram uma dúzia ou mais de minúsculas vozes no

apartamento escuro, cujo teto era tão baixo onde se encontrava com a parede, que Coraline quase podia estender o braço e tocá-lo.

Olhos vermelhos a encaravam. Pequeninos pés rosados apressaram-se a correr quando ela se aproximou. Sombras mais escuras deslizavam por entre as sombras nas quinas dos objetos.

O cheiro era muito pior do que no apartamento real do velho maluco do andar de cima. Lá, o cheiro era de comida (comida pouco agradável segundo Coraline, mas ela sabia que isso era uma questão de gosto: ela não gostava de temperos, ervas, nem coisas exóticas). Este lugar cheirava como se todas as comidas exóticas do mundo tivessem sido deixadas do lado de fora apodrecendo.

— Menininha — sussurrou uma voz em uma sala distante.

— Sim — respondeu Coraline. *Não estou apavorada,* pensou e, ao pensar nisso, sabia que era verdade. Não havia nada que a amedrontasse ali. Aquelas coisas — mesmo a coisa na adega — eram ilusões feitas pela outra mãe em uma paródia horrível das pessoas de verdade e das coisas de verdade no outro extremo do corredor. Ela não podia realmente criar nada, Coraline concluiu. Podia apenas torcer, copiar e distorcer coisas que já existiam.

Então, Coraline viu-se refletindo sobre por que a outra mãe teria

colocado uma bola de neve sobre o console da lareira, na sala de visita; pois o console, no mundo de Coraline, costumava ficar totalmente vazio.

Tão logo se fez a pergunta, compreendeu que havia uma resposta para ela.

Então a voz veio novamente e a seqüência de seus pensamentos foi interrompida.

— Venha aqui, menininha. Sei o que você quer, menininha. — Tratava-se de uma voz sussurrante, arranhada e seca. Lembrava a Coraline algum tipo de inseto bem grande morto. O que era uma tolice, ela sabia. Como uma coisa morta, especialmente um inseto morto, poderia ter voz?

Atravessou várias salas de teto baixo reclinado até chegar à última. Tratava-se de um quarto, e o outro velho maluco do andar de cima estava sentado na outra extremidade, na penumbra, embrulhado em seu casaco e com seu chapéu. A medida que Coraline foi entrando, ele começou a falar.

— Nada mudou, menininha — disse, e sua voz soava como o barulho de folhas secas roçando pelas calçadas das ruas. — E se você fizer tudo o que jurou que faria? E daí? Nada mudou. Você vai

para casa. Vai se entediar. Vai ser ignorada. Ninguém vai ouvir você, ouvir realmente. Você é esperta demais e quieta demais para que eles a compreendam. Eles sequer sabem falar o seu nome.

— Fique aqui conosco — disse a voz da figura na extremidade do quarto. — Nós te ouviremos, brincaremos e riremos com você. Sua outra mãe construirá mundos inteiros para você explorar e rasgar a cada noite quando tiver acabado. Cada dia será melhor e mais brilhante do que o anterior. Lembra-se da caixa de brinquedos? Não seria melhor o mundo construído daquele jeito e somente para você?

— E haverá dias cinzentos e molhados em que eu simplesmente não saiba o que fazer e não tenha nada para ler ou a que assistir e nenhum lugar para onde ir, e o dia se arraste para sempre? — perguntou Coraline.

Das sombras, o homem respondeu:

— Nunca.

— E haverá refeições horrorosas, com pratos feitos à base de receitas, com alho, estragão e favas? — perguntou Coraline.

— Cada refeição será uma alegria — sussurrou a voz de baixo do chapéu do velho. — Nada passará por sua boca que não a delicie completamente.

— E eu poderia ter luvas verde-fosforescentes para usar e galochas amarelas em forma de sapo? — perguntou Coraline.

— Sapo, rinoceronte, pato, polvo — o que você desejar. O mundo será feito novo para você a cada manhã. Se ficar aqui, poderá ter o que quiser.

Coraline suspirou.

— Você realmente não entende, não é? — disse. — Eu não *quero* tudo o que eu quiser. Ninguém quer. Não realmente. Que graça teria ter tudo o que se deseja? Em um piscar de olhos e sem o menor *sentido.* E daí?

— Não entendo — disse a voz sussurrante.

— É claro que não entende — continuou Coraline, erguendo a pedra com o furo no meio na altura do olho. — Você é apenas uma cópia ruim do velho maluco do andar de cima.

— Nem mesmo isso mais — disse a voz morta sussurrante. Da capa de chuva do homem, saía um brilho aproximadamente na altura do peito. Pelo furo na pedra, a luz cintilava e brilhava com uma cor branca azulada como a de qualquer estrela. Coraline gostaria de ter uma vara ou algo com o que cutucá-lo: não tinha a menor vontade de se aproximar do homem sombrio no final do quarto.

Coraline deu um passo em sua direção e ele se desfez. Ratos pretos pularam das mangas e de dentro do casaco e do chapéu, uns vinte ou mais, olhos vermelhos brilhando no escuro. Soltaram guinchos e fugiram. O casaco flutuou e caiu pesadamente sobre o chão. O chapéu rolou na direção do canto do quarto.

Coraline estendeu um dos braços e abriu o casaco. Estava vazio, embora fosse gorduroso ao toque. Não havia nenhum sinal da última bola de gude. Examinou o quarto cuidadosamente, espiando pelo furo na pedra, e avistou algo que faiscava e queimava como uma estrela no nível do chão, no vão da porta. Estava sendo levado pelas patas dianteiras do rato preto maior. Enquanto Coraline olhava, ele fugia.

Os outros ratos observavam-na dos cantos dos cômodos, enquanto ela corria atrás dele.

Bem, ratos podem correr mais rápido do que pessoas, especialmente distâncias curtas. No entanto, um grande rato preto segurando uma bola de gude nas duas patas dianteiras não é páreo para uma menina determinada (mesmo que pequena para sua idade) em passo de corrida. Os ratos pretos menores corriam para frente e para trás, atravessando o caminho de Coraline, tentando distraí-la, mas ela ignorava-os todos, mantendo os olhos fixos naquele que tinha a bola de gude e que se dirigia para fora do apartamento rumo à porta de entrada.

Chegaram à escada no lado de fora do prédio.

Coraline teve tempo de notar que a casa continuava se transformando, ficando menos nítida e mais achatada, mesmo enquanto ela disparava escada abaixo. Lembrava-lhe, agora, a fotografia de uma casa, não a coisa em si. Então, estava simplesmente correndo desordenadamente pelos degraus em perseguição ao rato, sem lugar em sua mente para mais nada, certa de que o estava alcançando. Corria rápido — rápido demais, descobriu ao chegar ao fim de um lance de escada, e seu pé escorregar e torcer, e ela se estatelar na plataforma de concreto.

Seu joelho esquerdo estava arranhado e esfolado e a palma da mão que usara para aparar a queda era uma mistura de pele esfolada e pedregulhos. Doía um pouco e logo doeria muito mais. Tirou os pedregulhos da palma da mão, levantou-se e, sabendo que havia perdido e que já era tarde demais, desceu o mais rápido que

pôde até a plataforma final no andar térreo.

Olhou em volta à procura do rato, mas ele desaparecera e, com ele, a bola de gude.

Sua mão doía, onde a pele se esfolara, e escorria sangue do joelho pela perna do pijama rasgado. Era tão grave quanto no verão em que sua mãe retirara as rodinhas da sua bicicleta; mas então, naquela época, em meio aos cortes e arranhões (seus joelhos tinham cicatrizes sobre cicatrizes) tivera um sentimento de conquista. Estava aprendendo alguma coisa, fazendo algo que não sabia fazer antes. Agora, tinha apenas a sensação da perda. Fracassara com as crianças fantasmas. Fracassara com seus pais. Fracassara consigo mesma, fracassara com tudo.

Fechou os olhos e desejou que a terra a engolisse.

Ouviu uma tosse.

Abriu os olhos e viu o rato. Estava deitado sobre a passagem de tijolo ao pé da escada com um olhar de surpresa em seu rosto — que se encontrava agora a vários centímetros do resto do corpo. Seus bigodes estavam rijos, seus olhos esbugalhados, seus dentes à mostra, amarelos e afiados. Um colarinho de sangue fresco brilhava em seu pescoço.

Ao lado do rato decapitado, com uma expressão de satisfação no rosto, achava-se o gato preto. Descansava uma de suas patas sobre a bola de gude cinza.

— Acho que mencionei uma vez — disse o gato — que não aprecio ratos nem com os melhores recheios. No entanto, pareceu-me que você precisava desse aqui. Espero que não se importe de ter me intrometido.

— Acho — disse Coraline, tentando recuperar o fôlego —, acho que você deve... ter mencionado... algo semelhante.

O gato tirou a pata de cima da bola, que rolou na direção de Coraline. Ela apanhou-a. Em sua mente, uma última voz sussurrou com urgência.

— Ela mentiu para você. Nunca desistirá de você, agora que a possui. É tão pouco provável que desista de nós quanto que mude sua própria natureza. — Os cabelos atrás do pescoço de

Coraline se eriçaram. Coraline sabia que a voz da menina dizia a

verdade. Colocou a bola de gude no bolso de seu roupão junto com as outras.

Tinha todas as três bolas de gude, agora.

Tudo o que precisava fazer era achar os seus pais.

E Coraline percebeu com surpresa que essa parte era fácil. Sabia exatamente onde os seus pais estavam. Se houvesse parado para pensar, teria sabido o tempo todo. A outra mãe não podia criar. Podia apenas transformar, alterar e modificar.

O console da lareira na sala de visitas em casa era totalmente vazio. Mas, sabendo disso, sabia também de uma outra coisa.

— A outra mãe planeja quebrar sua promessa. Não vai nos deixar ir embora — disse Coraline.

— É perfeitamente capaz disso — admitiu o gato. — Como eu disse, não há nenhuma garantia de que ela jogue honestamente. — E então levantou a cabeça. — Puxa... você viu isso?

— O quê?

— Olhe para trás — disse o gato.

A casa havia se achatado ainda mais. Não se parecia mais com uma fotografia — parecia mais um desenho, um rabisco bruto a carvão de uma casa feito sobre papel cinza.

— O que quer que esteja acontecendo — disse Coraline —, obrigada por ajudar com o rato. Acho que estou quase conseguindo, não estou? Depois, você vai sumir no nevoeiro, ou onde quer que você suma, e eu vou, bem, espero te ver lá em casa. Se ela me deixar ir para casa.

O pêlo do gato estava em pé, e sua cauda tão eriçada como uma escova de limpar chaminé.

— Qual o problema? — perguntou Coraline.

— Sumiram — disse o gato. — Não estão mais lá. As entradas e saídas desse lugar. Foram simplesmente achatadas.

— Isso é ruim?

O gato abaixou o rabo, batendo-o de um lado para o outro raivosamente. Emitiu um rosnado grave no fundo de sua garganta. Andou em círculo até ficar de costas para Coraline e depois começou a caminhar para trás firmemente, uma pegada de cada vez, até que estava empurrando a perna de Coraline. Ela abaixou a mão para dar-lhe umas batidinhas e sentiu como seu coração batia forte. Ele tremia como uma folha seca na tempestade.

— Você vai ficar bem — disse Coraline. — Tudo vai ficar bem. Vou levar você para casa.

O gato não disse nada.

— Venha, gato — disse Coraline. Deu um passo de volta para a escada, mas o gato permaneceu onde estava, parecendo infeliz e, o que era estranho, parecendo bem menor.

— Se a única saída passa por ela — disse Coraline —, então é por aí que iremos. — Voltou até o gato, abaixou-se e o apanhou. O gato não resistiu. Tremia simplesmente. Ela apoiou o seu traseiro com uma mão, descansando as patas dianteiras sobre o ombro. O gato era pesado, mas não tão pesado que não pudesse ser carregado. Ele lambeu a palma da mão de Coraline, no lugar onde escorria o sangue do arranhão.

Coraline subiu a escada, um degrau de cada vez, dirigindo-se ao seu próprio apartamento. Estava consciente das bolas de gude estalando em seu bolso, da pedra com o furo no meio, do gato apertando-se contra ela.

Chegou à porta da frente — agora, apenas o rabisco infantil de uma porta — e empurrou a mão contra ela, esperando talvez que sua mão a atravessasse, nada revelando atrás dela senão escuridão e algumas estrelas soltas.

Mas a porta abriu-se totalmente e Coraline passou por ela.

XI.

UMA VEZ NO INTERIOR de seu apartamento, ou melhor, dentro do apartamento que não era seu, Coraline ficou contente em ver que ele não se transformara no desenho vazio que o resto da casa parecia ter se transformado. Havia profundidade e sombra e alguém que aguardava, em meio às sombras, Coraline voltar.

— Então você está de volta — disse a outra mãe. Ela não parecia satisfeita. — E trouxe vermina com *você*.

— Não — respondeu Coraline. — Trouxe um amigo. — Podia sentir o gato enrijecer-se em suas mãos, como se estivesse ansioso por sair. Queria agarrar-se a ele como se fosse um ursinho de pelúcia, para dar segurança, mas sabia que os gatos odeiam ser espremidos e suspeitava, de qualquer modo, que gatos aterrorizados eram capazes de morder e arranhar, se provocados, mesmo estando do seu lado.

— *Você* sabe que amo *você* — disse a outra mãe sem rodeios.

— Você tem um modo muito estranho de demonstrar isso — disse Coraline. Desceu o corredor, dobrou a sala de visitas, um passo firme após o outro, fingindo não sentir os olhos negros vagos da outra mãe em suas costas. A mobília formal de sua avó permanecia lá, assim como a pintura de frutas estranhas na parede (porém as frutas na pintura tinham sido comidas agora, e havia sobrado na bandeja apenas o miolo marrom de uma maçã, vários caroços de ameixa e de pêssego e a haste do que fora um cacho de uvas). A mesa com patas de leão marcava o tapete com seus pés de madeira em forma de garras, como se estivesse impaciente por alguma coisa. No final da sala, no canto, erguia-se a porta de madeira, que antes, em um outro lugar, abria-se sobre uma parede de tijolos. Coraline tentou não encarar a porta. A janela mostrava apenas neblina.

Fim, Coraline sabia. O momento da verdade. A hora do esclarecimento.

A outra mãe havia seguido Coraline. Achava-se agora no meio da sala entre Coraline e a lareira, e olhava-a do alto com olhos de botões negros. Era estranho, pensou Coraline. A outra mãe não se parecia absolutamente em nada com a sua própria mãe. Perguntou-se como pôde ter sido enganada e imaginado alguma semelhança. A outra mãe era imensa — sua cabeça quase roçava o teto — e muito pálida, da cor da barriga de uma aranha. Seus cabelos enrolavam-se e ondulavam-se pela cabeça, e seus dentes eram afiados como facas...

— Bem — disse a outra mãe rispidamente. — Onde estão eles?

Coraline recostou-se em uma poltrona, arrumou o gato com a mão esquerda, enfiou a mão direita no bolso e tirou três bolas de gude. Tinham uma cor cinza de geada e estalavam na palma da sua mão. A outra mãe estirou os dedos brancos para apanhá-las, mas Coraline fez com que deslizassem de volta para o seu bolso. Viu então que era verdade. A outra mãe não tinha a menor intenção de deixá-la ir ou de manter a palavra. Fora apenas uma diversão e nada mais.

— Espere! — disse. — Ainda não terminamos, não é?

A outra mãe olhou-a furiosamente, mas sorriu com doçura.

— Não — disse ela. — Suponho que não. Afinal, você ainda precisa encontrar seus pais, não é?

— Sim — respondeu Coraline. *Não devo olhar para a lareira,* pensou. *Não devo sequer pensar na lareira.*

— Bem? — disse a outra mãe. — Mostre-os. Quer dar uma

olhada na adega novamente? Tenho outras coisas interessantes escondidas lá embaixo, sabe.

— Não — disse Coraline. — Sei onde os meus pais estão. — O gato pesava em seus braços. Passou-o para a frente, desprendendo as garras do seu ombro ao fazê-lo.

— Onde?

— É evidente — disse Coraline. — Olhei em todos os lugares onde você poderia tê-los escondido. Não estão na casa.

A outra mãe permaneceu quieta, sem deixar nada escapar, os lábios apertados. Poderia ser uma estátua de cera. Até mesmo o cabelo parara de mexer.

— Sendo assim — continuou Coraline, ambas as mãos segurando o gato firmemente. — Sei onde eles têm que estar. Você os escondeu na passagem entre as duas casas, não foi? Estão atrás daquela porta. — Apontou a cabeça na direção da porta no canto.

A outra mãe permaneceu como uma estátua, mas um sorriso

insinuou-se em seu rosto.

— Oh, estão sim, não é mesmo?

— Por que você não abre a porta? — perguntou Coraline. — Eles vão estar lá, certo?

Era o seu único caminho para casa, ela sabia. Mas tudo dependia de a outra mãe ter necessidade de se gabar da vitória, não apenas de vencer, mas mostrar que tinha vencido.

A outra mãe enfiou a mão lentamente no bolso do avental e exibiu a chave negra de ferro. O gato mexeu-se desconfortavelmente nos braços de Coraline, como se quisesse descer. *Fique aí só mais um pouquinho,* ela pensou, imaginando se ele podia escutá-la. *Vou levar nós dois para casa. Eu disse que levaria. Prometo.* Sentiu o gato relaxar em seus braços.

A outra mãe caminhou até a porta e enfiou a chave na fechadura.

Girou-a.

Coraline ouviu o mecanismo fazer *clunk* pesadamente. Começava já, passo a passo, o mais silenciosamente possível, a recuar na direção da lareira.

A outra mãe abaixou a maçaneta e abriu a porta com um empurrão, revelando um corredor escuro e vazio por trás dela. — Aí está — disse, acenando as mãos para o corredor. A expressão de deleite em seu rosto era algo muito feio de se contemplar.

— *Você* está errada! Você *não* sabe onde seus pais estão, não é? Eles não estão aqui. — Ela virou-se e olhou para Coraline. — Agora — disse — você vai ficar aqui para sempre.

— Não — disse Coraline. — Não vou. — E, com toda a força de que dispunha, arremessou o gato preto contra a outra mãe. Este uivou e aterrissou sobre a sua cabeça, com as garras golpeando-a, os dentes à mostra, feroz e enraivecido. Com os pêlos eriçados, parecia novamente ter a metade do tamanho real.

Sem querer ver o que ia acontecer, Coraline chegou ao console e fechou a mão em volta do globo de neve, enfiando-o bem fundo no bolso do roupão.

O gato emitiu um uivo profundo e ululante e afundou seus dentes na bochecha da outra mãe. Ela tentava acertá-lo com vários golpes de mão. O sangue escorria dos cortes em sua face branca — não sangue vermelho, mas uma substância de cor preta profunda, como piche. Coraline correu para a porta.

Retirou a chave da fechadura.

— Deixe-a! Venha! — gritou para o gato. Ele assobiou, golpeou com suas garras afiadas de bisturi o rosto da outra mãe com um único golpe selvagem, deixando um líquido negro gotejar dos vários cortes profundos em seu nariz. Em seguida, pulou para o chão na direção de Coraline. — Rápido! — disse ela. O gato correu em sua direção e ambos deram um passo para dentro do corredor escuro.

Estava mais frio no corredor, como se descessem em uma adega num dia de calor. O gato hesitou por um momento e então, vendo que a outra mãe vinha na direção deles, correu para Coraline e parou entre suas pernas.

Coraline começou a fechar a porta.

Era mais pesada do que imaginava que uma porta pudesse ser, e

fechá-la era como tentar puxar uma porta contra uma ventania. Então, sentiu algo do outro lado começando a puxá-la contra ela.

Feche! Pensou. Então falou alto.

— Vamos, *por favor*. — E sentiu a porta começar a se mover, a fechar-se, a ceder ao vento fantasma.

De repente, ela percebeu outras pessoas no corredor com ela. Não podia virar o rosto para olhá-las, mas conhecia-as sem precisar olhar. — Ajudem-me, por favor — disse. — Todos vocês.

As outras pessoas no corredor — três crianças e dois adultos — eram de certo modo demasiado insubstanciais para tocarem a porta. Mas suas mãos fecharam-se em torno da mão de Coraline, enquanto ela puxava a grande maçaneta de ferro e, subitamente, ela sentiu-se forte.

— Jamais ceda, senhorita! Segure firme! Segure firme! — uma voz sussurrou em sua mente.

— Puxe, menina, puxe! — sussurrou uma outra.

E então, uma voz que soava como a de sua mãe — sua própria mãe, sua autêntica, maravilhosa, enlouquecedora, enfurecedora, gloriosa mãe — disse apenas:

— Muito bem, Coraline — e isso bastava.

A porta começou a fechar-se deslizando com facilidade.

— Não! — berrou uma voz do outro lado da porta, que não soava mais nem remotamente humana.

Alguma coisa agarrou Coraline esticando-se pela abertura entre a porta que se fechava e o batente. Coraline sacudiu a cabeça para fora do caminho, mas a porta começou a abrir novamente.

— Nós vamos voltar para casa — disse Coraline. — Nós vamos. Ajudem-me. — Soltou-se dos dedos que a agarravam.

Então, moveram-se através de Coraline: mãos fantasmas emprestaram-lhe uma força que ela já não possuía. Houve um momento de resistência final, como se algo estivesse preso na porta, e, então, a porta de madeira fechou-se violentamente com um estrondo.

Algo caiu da altura da cabeça de Coraline sobre o chão. Aterrissou com uma espécie de barulho surdo de passos fugindo.

— Vamos logo! — disse o gato. — Esse não é um bom lugar para ficar. Rápido.

Coraline voltou as costas para a porta e começou a correr tão rápido quanto era viável pelo corredor escuro, deslizando a mão pela parede para garantir que não ia esbarrar em nada, nem mudar de direção na escuridão.

Era uma corrida esforçada, e parecia a Coraline que se estendia por uma distância maior do que era possível a qualquer coisa. A parede que ela estava tocando parecia-lhe quente e macia agora, e, Coraline percebeu, parecia coberta por um pêlo felpudo. Mexia-se como se estivesse respirando. Coraline retirou rapidamente a mão.

Ventos uivavam no escuro.

Tinha medo de chocar-se contra alguma coisa e estendeu a mão para a parede novamente. Desta vez, o que tocou parecia quente e molhado, como se ela tivesse posto a mão na boca de alguém, e tirou a mão com um pequeno grito.

Seus olhos haviam se ajustado ao escuro. Podia entrever, como frágeis manchas reluzentes à sua frente, dois adultos e três crianças. Podia também ouvir o gato pisando à sua frente no escuro.

E havia algo mais, que passou correndo subitamente por entre seus pés, quase mandando-a pelos ares. Ela aprumou-se antes de cair, usando o próprio impulso para continuar em movimento. Sabia que se caísse naquele corredor poderia não se levantar novamente. Fosse o que fosse, aquele corredor era de longe mais velho do que a outra mãe. Era profundo, lento e sabia que ela estava lá...

Então, surgiu a luz do dia e Coraline correu em sua direção respirando ofegante e arquejante.

— Quase lá — disse encorajadoramente, mas, sob a luz, descobriu que os fantasmas haviam desaparecido e que estava sozinha. Não havia tempo para pensar sobre o que lhes acontecera. Ofegante, cambaleou pela porta e bateu-a atrás de si com o estrondo mais alto e satisfatório que podia imaginar.

Trancou a porta e colocou a chave de volta no bolso.

O gato preto enrolara-se no canto mais distante da sala, com a ponta de sua língua rosa para fora e os olhos bem abertos. Coraline foi até ele e abaixou-se do seu lado.

— Desculpe-me — disse. — Sinto muito ter jogado você contra ela. Mas era o único jeito de distraí-la o suficiente para conseguirmos todos sair. Ela nunca cumpriria com sua palavra, não é?

O gato olhou-a e depois descansou a cabeça sobre sua mão, lambendo seus dedos com a língua áspera de lixa. Começou a ronronar.

— Então somos amigos? — perguntou Coraline.

Coraline sentou-se em uma das poltronas desconfortáveis de sua avó e o gato pulou para o seu colo, instalando-se confortavelmente. A luz que entrava pelo quadro da janela era diurna, uma autêntica luz dourada de fim de tarde, não uma luz branca de neblina. O céu

era de um azul esverdeado e Coraline podia ver árvores e, além das árvores, as colinas verdes que desapareciam no horizonte em tons púrpuras e cinzas. O céu nunca parecera tão *céu,* o mundo nunca parecera tão *mundo.*

Coraline olhou atentamente para as folhas nas árvores e para os padrões de luz e sombra sobre a casca rachada do tronco de faia, do lado de fora da janela. Então, olhou para baixo, em seu colo, a maneira como a pródiga luz do sol escovava cada um dos pêlos da cabeça do gato, fazendo com que cada um dos bigodes brancos ficasse dourado.

Nada, pensou ela, jamais fora *tão interessante.*

E, tomada pela interessantice do mundo, Coraline mal percebeu que havia se curvado e enrolado à maneira dos gatos sobre a poltrona desconfortável de sua avó e tampouco notou quando mergulhou em um sono profundo e sem sonhos.

XII.

SUA MÃE ACORDOU-A, sacudindo-a gentilmente.

— Coraline? — disse ela. — Querida, que lugar estranho para dormir. E essa sala é, realmente, só para ocasiões especiais. Procuramos por você em toda a casa.

Coraline espreguiçou-se e piscou os olhos.

— Sinto muito — disse. — Eu adormeci.

— Isso eu posso ver — disse a mãe. — E de onde surgiu o gato? Estava esperando na porta da frente quando entrei. Disparou como uma bala quando abri a porta.

— Provavelmente tinha coisas a fazer — disse Coraline. Então abraçou sua mãe com tanta força que seus braços começaram a doer. Sua mãe abraçou-a de volta.

— Jantar em quinze minutos — disse a mãe. — Não esqueça de lavar as mãos. E *olha* só a calça desse pijama. O que você fez ao coitado do seu joelho?

— Eu tropecei — respondeu Coraline. Foi até o banheiro, lavou as mãos e limpou o joelho ensangüentado. Passou ungüento nos cortes e nos arranhões.

Foi para o seu quarto — seu quarto real, seu verdadeiro quarto. Enfiou as mãos nos bolsos do seu roupão e tirou três bolas de gude, uma pedra com um furo no meio, a chave negra e um globo de neve vazio.

Sacudiu o globo de neve e observou o redemoinho de neve brilhante através da água a encher o mundo vazio. Abaixou o globo e observou a neve cair, cobrindo o lugar que antes tinha sido ocupado pelo pequeno casal.

Coraline pegou um pedaço de barbante em sua caixa de brinquedos e enfiou a chave negra por ele. Depois deu um nó no barbante e pendurou-o em volta do pescoço.

— Aqui — disse. Vestiu algumas roupas e escondeu a chave sob a camiseta. Estava fria contra sua pele. A pedra foi para dentro do bolso.

Coraline percorreu o corredor até o estúdio de seu pai. Ele estava de costas para ela, mas ela sabia, na mera observação, que seus olhos, quando ele virasse, seriam os olhos cinzentos e bondosos do seu pai, e ela subiu e beijou-o por trás de sua cabeça já um pouco careca.

— Olá, Coraline — disse ele. Então, olhou para trás e sorriu para ela. — A que devo isso?

— A nada — disse Coraline. — É só que às vezes tenho saudades de você. Só isso.

— Que bom — disse ele. Desligou seu computador, levantou-se e

então, sem absolutamente nenhum motivo, pegou Coraline no colo, o que não fazia há já bastante tempo, pelo menos desde quando começara a lembrá-la que ela já estava muito crescida para andar no colo, e levou-a para a cozinha.

O jantar daquela noite era pizza e, embora tivesse sido feita em casa pelo pai (e portanto a borda estava alternadamente grossa, pastosa e crua ou então muito fina e queimada), e seu pai tivesse colocado fatias de pimentão verde, pequenas almôndegas e, sobretudo, pedaços grandes de abacaxi, Coraline comeu todo o pedaço que lhe foi servido.

Bem, comeu tudo menos os pedaços grandes de abacaxi.

E logo, logo, era hora de dormir.

Coraline manteve a chave em volta do pescoço, mas colocou as bolas de gude sob o travesseiro e, na cama naquela noite, Coraline teve um sonho.

Encontrava-se em meio a um piquenique sob um velho carvalho na campina. O sol estava alto no céu e embora houvesse nuvens fofas e brancas ao longe no horizonte, o céu sobre sua cabeça era de um azul profundo e impassível.

Uma toalha de linho branco estendia-se sobre a grama, com tigelas de comida empilhadas — Coraline podia ver saladas e sanduíches, nozes e frutas, jarras de limonada e água, e chocolate com leite bem grosso. Sentou-se em um dos lados da toalha enquanto três outras crianças sentaram-se uma de cada lado. Estavam usando roupas as mais bizarras.

A menor entre elas, sentada à esquerda de Coraline, era um menino com calções de veludo vermelho e uma camisa branca de babados. Seu rosto estava sujo e ele enchia seu prato com novas batatas cozidas e com o que parecia ser uma truta inteira assada fria.

— Este é o melhor dos piqueniques, senhorita — disse para Coraline.

— Sim — disse Coraline. — Acho que é. Quem será que o organizou?

— Mas foi você, senhorita — disse a menina alta, sentada em frente a Coraline. Usava um vestido marrom meio sem forma e trazia um gorro marrom na cabeça amarrado sob o queixo. — E somos-lhe mais gratos por isso e por tudo, do que palavras jamais poderão expressar. — Comia fatias de pão com geléia, cortando-as

primorosamente, com um facão, de um pão marrom dourado, e depois, espalhando a geléia púrpura com uma colher de madeira. Tinha geléia por toda a boca.

— Puxa, essa é a melhor comida que como há séculos — disse a menina sentada à direita de Coraline. Era uma criança muito pálida, vestida com o que pareciam ser teias de aranha e com um círculo de prata reluzente sobre os seus cabelos loiros. Coraline poderia jurar que a menina tinha duas asas — como asas de borboleta empoeiradas de prata — saindo de suas costas. O prato da menina estava empilhado até o alto de flores lindas. Ela sorriu para Coraline, como se não sorrisse há muito tempo e já tivesse quase, mas não totalmente, esquecido como fazê-lo. Coraline percebeu que gostava imensamente daquela menina.

E então, à maneira dos sonhos, o piquenique estava feito e eles se encontravam brincando na campina, correndo e gritando, arremessando uma bola reluzente de um para o outro. Coraline sabia que se tratava de um sonho pois nenhum deles se cansava ou perdia o fôlego. Ela nem sequer estava suando. Eles apenas riam e corriam jogando um jogo que era em parte pique-pega, em parte batata quente e em parte simplesmente uma folia magnífica.

Três deles corriam pelo chão, enquanto a menina pálida voejava um pouco acima de suas cabeças, mergulhando com asas de borboleta para apanhar a bola e voltando mais uma vez para o céu antes de arremessá-la para uma da outras crianças.

E então, sem que uma palavra fosse dita, o jogo terminou e os quatro voltaram para a toalha de piquenique, de onde a louça do almoço havia sido retirada e onde quatro tigelas esperavam por eles, três de sorvete, e uma empilhada até o alto com flores de madressilva.

Comeram com satisfação.

— Obrigada por terem vindo à minha festa — disse Coraline. — Se é que é minha.

— O prazer é nosso, Coraline Jones — disse a menina de asas, mordiscando outra flor de madressilva. — Se pelo menos houvesse algo que pudéssemos fazer por você, para agradecê-la e recompensá-la.

— Deveras — disse o menino com calções de veludo vermelho e o rosto sujo. Ele estendeu a mão e segurou a mão de Coraline. Sua mão estava quente agora.

— Foi uma coisa muito boa o que fez por nós, senhorita — disse a menina alta. Ela tinha agora uma mancha de sorvete de chocolate em volta dos lábios.

— Estou contente que tudo tenha acabado — disse Coraline. Era sua imaginação ou uma sombra passou sobre o rosto das outras crianças no piquenique?

A menina de asas, o diadema em seu cabelo brilhando como uma estrela, descansou os dedos por um momento nas costas da mão de Coraline.

— Terminou para *nós* — disse. — Essa é apenas uma parada para nós. Daqui nós três iremos para terras inexploradas, e o que vem depois, nenhuma pessoa viva pode dizer... — Ela parou de falar.

— Há um *porém,* não é? — perguntou Coraline. — Posso senti-lo. Como uma nuvem de chuva.

O menino à sua esquerda tentou sorrir corajosamente, mas seu lábio inferior começou a tremer e ele mordeu-o com os dentes de cima e não disse nada. A menina com o gorro marrom mudou de posição desconfortavelmente e disse:

— Sim, senhorita.

— Mas eu peguei vocês três de volta — disse Coraline. — Eu peguei mamãe e papai de volta. Eu fechei a porta. Eu tranquei a porta. O que mais eu tinha de fazer?

O menino apertou a mão de Coraline com a sua mão. Coraline lembrou-se de quando tinha sido ela a tentar passar-lhe confiança e ele era pouco mais do que uma lembrança fria na escuridão.

— Bem, vocês não podem me dar uma pista? — perguntou Coraline. — Não há *algo* que possam me contar?

— A bela dama jurou por sua boa mão direita — falou a menina alta — mas ela mentiu.

— M-minha preceptora — disse o menino — costumava dizer que a ninguém jamais é dado mais do que seus ombros podem suportar. — Encolheu os ombros ao dizer isso, como se ainda não houvesse decidido por si mesmo se era ou não verdade.

— Nós lhe desejamos boa sorte — disse a menina de asas. — Boa sorte, sabedoria e coragem — embora já tenha demonstrado possuir

todas essas três bênçãos, e em abundância.

— Ela odeia você — o menino deixou escapar. — Há muito tempo que ela não perde nada. Seja sábia. Seja corajosa. Seja astuta.

— Mas isso não é *justo* — disse Coraline em seu sonho, com raiva. — Simplesmente não é *justo.* Deveria ter acabado.

O menino com o rosto sujo levantou-se e abraçou Coraline apertadamente.

— Que seja este o seu consolo — sussurrou. — Você está viva. Viva.

E em seu sonho, Coraline viu que o sol havia se posto e que as estrelas cintilavam no céu que escurecia.

Ficou de pé em meio à campina e assistiu às três crianças (duas delas andando, uma voando) afastarem-se pela grama, prateada sob a luz da lua imensa.

Os três chegaram a uma pequena ponte de madeira sobre um córrego. Pararam, voltaram-se e acenaram, e Coraline acenou-lhes de volta.

E o que se foi a escuridão.

Coraline acordou nas primeiras horas da manhã, convencida de que ouvira algo mover-se, porém incerta do que se tratava.

Esperou.

Algo fez um barulho do lado de fora da porta do seu quarto. Pensou que poderia ser um rato. A porta sacudiu. Coraline saiu da cama.

— Vá embora — disse Coraline rispidamente. — Vá embora ou se arrependerá.

Houve uma pausa e então, o que quer que fosse fugiu pelo

corredor. Havia algo esquisito e irregular em suas passadas, se é que *eram* passadas. Coraline perguntou-se se não seria um rato com uma perna a mais...

— Não acabou, não é? — disse para si mesma.

Então abriu a porta. A luz cinzenta da madrugada mostrou-lhe o corredor por inteiro, completamente deserto.

Caminhou na direção da porta da frente, dispondo-se a dar uma rápida olhada para trás, para o espelho na porta do armário, pendurado na parede na outra ponta do corredor. Não viu nada a não ser seu próprio rosto pálido olhando de costas para si mesma, séria e sonolenta. Roncos suaves e tranqüilizadores vinham do quarto de seus pais, mas a porta estava fechada. Todas as portas que saíam do corredor estavam fechadas. O que quer que fosse a coisa fugitiva, tinha que estar ali em algum lugar.

Coraline abriu a porta de entrada e olhou para o céu cinzento. Perguntou-se quanto tempo o sol levaria até se erguer, perguntou-se se o sonho fora de verdade, sabendo em seu coração que sim. Algo que ela acreditara ser parte da sombra sob o sofá do corredor destacou-se do sofá e descreveu uma corrida louca, esgaravatando sobre suas longas pernas brancas, dirigindo-se para a porta da frente.

Coraline, horrorizada, deixou cair o queixo e afastou-se do caminho, enquanto a coisa passava por ela fugindo em estalidos para fora da casa, correndo como caranguejo sobre seus pés excessivos, pisando, estalando, correndo.

Sabia o que aquilo era, e o que estava procurando. Havia-a visto muitas vezes nos últimos dias, estendendo-se, agarrando, apanhando e atirando besouros obedientemente na boca da outra mãe. Com cinco pés, de unhas vermelho-carmesim, da cor dos ossos.

Era a mão direita da outra mãe.

Queria a chave negra.

XIII.

Os pais de Coraline pareciam nunca se lembrar do tempo que passaram no globo de neve. Pelo menos nunca falaram nada sobre isso e Coraline nunca tocou no assunto com eles.

Coraline às vezes se perguntava se eles chegaram a perceber que haviam perdido dois dias no mundo real, e chegou à conclusão final de que não perceberam. Algumas pessoas mantêm anotado tudo o que fazem todos os dias, todas as horas, outras pessoas não, e os pais de Coraline pertenciam decididamente ao segundo grupo.

Coraline pusera as bolas de gude sob o seu travesseiro antes de ir dormir naquela primeira noite em casa, no seu próprio quarto novamente. Voltou para a cama depois de ver a mão da outra mãe, embora não tivesse muito mais tempo para dormir, e descansou a cabeça de volta sobre o travesseiro.

Algo estalou suavemente enquanto ela deitava a cabeça.

Sentou-se e ergueu o travesseiro. Os fragmentos de bolas de gude que ela viu lembravam resíduos de cascas de ovos encontrados sob as árvores durante a primavera: como ovos de tordo quebrados e vazios ou, até mais delicados — ovos de carriça, talvez.

O que quer que estivera dentro das esferas de vidro havia ido embora. Coraline pensou nas três crianças acenando-lhe adeus sob a luz do luar, acenando-lhe antes de cruzar aquele córrego prateado.

Ela reuniu cuidadosamente os fragmentos finos como casca de ovo e colocou-os em uma pequena caixa azul onde costumava guardar um bracelete que sua avó lhe dera quando era pequena. Havia perdido o bracelete há muito tempo, mas a caixa permanecera.

A senhorita Spink e a senhorita Forcible voltaram da visita que haviam feito à sobrinha da senhorita Spink, e Coraline desceu até o apartamento delas para o chá. Era segunda-feira. Na quarta-feira, Coraline voltaria para a escola: um ano escolar inteiro iria começar.

A senhorita Forcible insistiu em ler as folhas do chá de Coraline.

— Bem, parece que está tudo encaminhado e nos eixos — disse a senhorita Forcible.

— O que disse? — perguntou Coraline.

— Tudo está às mil maravilhas — disse a senhorita Forcible. — Bem, quase tudo. Não estou bem certa do que *isto* seja. — Apontou um punhado de folhas de chá grudadas em um dos lados da xícara.

A senhorita Spink voltou-se e pegou a xícara.

— Sinceramente, Miriam. Passe-me aqui. Deixe-me ver... — Ela piscou por entre as grossas lentes.

— Oh, querida. Não, não faço a menor idéia do que isso significa. Quase se parece com uma mão.

Coraline olhou. O agrupamento de folhas realmente parecia um pouco com uma mão agarrando alguma coisa.

Hamish, o cão escocês, estava se escondendo atrás da cadeira da senhorita Forcible sem querer aparecer.

— Acho que ele se meteu em algum tipo de briga — disse a senhorita Spink. — Tem um corte profundo em um dos lados, pobrezinho. Nós o levaremos ao veterinário mais à tarde. Gostaria de saber o que poderia ter provocado isso.

Algo, Coraline sabia, precisava ser feito.

O tempo estava magnífico naquela última semana de férias, como se o próprio verão tentasse compensar o clima horroroso que fizera, oferecendo-lhes alguns dias fulgurantes e gloriosos antes de acabar.

O velho maluco do andar de cima chamou Coraline quando a viu deixar o apartamento das senhoritas Spink e Forcible.

— Ei! Oi! Você! Caroline! — gritou por sobre o corrimão.

— É Coraline — respondeu Coraline. — Como vão os ratos?

— Algo os está aterrorizando — disse o velho, coçando os bigodes.

— Acho que talvez tenhamos uma doninha pela casa. Algo está acontecendo. Eu ouvi à noite. Na minha terra, armaríamos uma arapuca para ela, com um pedaço de carne ou de hambúrguer talvez e, quando a criatura viesse banquetear-se, então — bam! — seria presa e nunca mais nos incomodaria. Os ratos estão tão apavorados que sequer se aproximam de seus pequenos instrumentos musicais.

— Não acho que ela queira carne — disse Coraline. Levantou a mão e tocou a chave negra pendurada em volta do seu pescoço. Então, entrou.

Tomou banho, mantendo a chave em volta do pescoço todo o tempo em que estava no banho. Nunca mais tirara a chave dali.

Algo arranhou a janela do seu quarto depois que ela foi dormir.

Coraline estava quase adormecendo, mas deslizou para fora da cama e abriu as cortinas. Uma mão branca de unhas vermelho-carmesim saltou da borda da janela para dentro de um cano de esgoto, desaparecendo imediatamente de vista. Havia fincos profundos no vidro do lado de lá da janela.

Coraline dormiu aquela noite apreensiva, acordando vez por outra para tramar, traçar e refletir, voltando depois a dormir, nunca inteiramente certa de onde as ponderações acabavam e começava o sonho, com um ouvido sempre alerta para o som de alguma coisa arranhando sua vidraça ou a porta de seu quarto.

De manhã, Coraline disse à sua mãe:

— Vou fazer um piquenique com minhas bonecas hoje. Posso pegar um lençol emprestado — um velho, que você não precise mais — para servir de toalha?

— Acho que não temos nada assim — sua mãe disse. Abriu a gaveta da cozinha onde ficavam os guardanapos e as toalhas de mesa e vasculhou-a. — Espere, será que isso serve?

Tratava-se de uma toalha de mesa de papel descartável dobrada, coberta de flores vermelhas, que tinha sobrado de um piquenique que haviam feito há muitos anos.

— É perfeita — disse Coraline.

— Não sabia que você ainda brincava com suas bonecas — disse a Sra. Jones.

— Não brinco — admitiu Coraline. — Elas serão minha coloração protetora.

— Bem, esteja de volta na hora do almoço — disse sua mãe. — Divirta-se.

Coraline encheu uma caixa de papelão com bonecas e várias pequenas xícaras de plástico de brinquedo. Encheu uma jarra de água.

Então, saiu. Foi até a rua como se estivesse indo ver lojas. Antes de chegar ao supermercado, atravessou uma cerca que dava em uma espécie de terreno baldio, ao longo de um caminho velho, depois engatinhou por baixo de uma sebe. Teve que fazer duas viagens por baixo da sebe para não derramar a água do jarro.

Era uma viagem longa cheia de rodeios, mas Coraline estava satisfeita de não ter sido seguida.

Ela foi sair ao lado da velha quadra de tênis dilapidada. Atravessou-a até a campina, onde a grama balançava alta. Encontrou as pranchas nos limites da campina. Eram incrivelmente pesadas — quase pesadas demais para que uma menina as levantasse, mesmo usando toda a sua força, mas ela conseguiu. Não tinha outra escolha. Puxou as tábuas para fora do caminho, uma por uma, resmungando e suando com o esforço, para revelar um buraco profundo e redondo, com as paredes de tijolos, no chão. Cheirava a umidade e escuridão. Os tijolos eram esverdeados e escorregadios.

Coraline abriu a toalha de mesa e estendeu-a cuidadosamente sobre a abertura do poço. Colocou uma xícara de brinquedo de plástico a mais ou menos cada doze polegadas, sobre a borda do poço, e firmou bem cada uma das xícaras, enchendo-as com água da jarra.

Colocou uma boneca sobre a grama, atrás de cada xícara, fazendo com que tudo se parecesse ao máximo com um chá de bonecas. Então, recuou sobre os próprios passos por baixo da sebe, ao longo do caminho empoeirado amarelo, dando a volta por trás das lojas e voltando para casa.

Levantou a mão e tirou a chave do pescoço. Ficou balançando-a no barbante, como se fosse apenas um objeto com o qual gostava de brincar. Em seguida, bateu na porta do apartamento da senhorita Spink e da senhorita Forcible.

A senhorita Spink abriu a porta.

— Olá, querida — disse.

— Não vou querer entrar — disse Coraline. — Só queria saber como vai o Hamish.

A senhorita Spink suspirou.

— O veterinário disse que Hamish é um bravo soldadinho — disse. — Por sorte, o corte não parece ter infeccionado. Não conseguimos imaginar o que poderia ter feito isso. O veterinário disse que algum animal, mas não fazia a menor idéia de qual. O senhor Bobo acha que pode ter sido uma doninha.

— Senhor Bobo?

— O homem no último andar. Senhor Bobo. Boa e velha família de circo, creio eu. Romena, eslovena ou lituana ou um desses países. Minha nossa, não consigo mais me lembrar deles.

Jamais lhe ocorrera que o velho maluco do andar de cima tinha de fato um nome, Coraline se deu conta. Se ela soubesse que seu nome era Bobo, o teria chamado pelo nome a cada chance que tivesse. Quantas vezes alguém tem a oportunidade de dizer alto um nome como “Senhor Bobo”?

— Oh — Coraline disse para a senhorita Spink — Senhor Bobo. Certo. Bem — disse, um pouco mais alto — estou indo brincar com minhas bonecas, agora, lá ao lado da velha quadra de tênis, nos fundos.

— Que bom, querida — disse a senhorita Spink. Depois acrescentou confidencialmente: — Fique de olho no velho poço. O senhor Lovat, que morou aqui antes de vocês, disse que o poço poderia ter meia milha ou mais de profundidade.

Coraline torceu para que a mão não tivesse ouvido essa última parte e mudou de assunto.

— Essa chave? — disse Coraline bem alto. — Ah, é apenas uma chave velha lá de casa. Faz parte da minha brincadeira. Por isso estou trazendo ela sempre comigo nesse pedaço de barbante. Bem, tchau-tchau agora.

— Que criança extraordinária — pensou a senhorita Spink enquanto fechava a porta.

Coraline caminhou a passo lento pela campina em direção à velha quadra de tênis, balançando a chave negra pendurada no pedaço de barbante enquanto andava.

Várias vezes julgou ter visto algo cor de osso por entre a vegetação rasteira. Acompanhava Coraline a mais ou menos dez metros de distância.

Coraline tentou assobiar, mas não saiu nada, então, em vez disso, cantou bem alto uma canção que seu pai inventara para ela quando ela era um bebê e que sempre a fizera rir. Era assim:

Oh, minha bruxinha cosquenta

Te acho uma gracinha

Te dou sorvete de creme

Te dou mingau de farinha

Te dou um monte de abraços,

Te dou um monte de beijos,

Mas nunca te dou sanduíche de joaninha.

Era isso que Coraline cantava enquanto saracoteava pelas árvores e sua voz quase não tremia.

O chá das bonecas estava onde Coraline havia deixado. Sentia-se aliviada por não ser um dia de ventania, pois tudo ainda estava no

lugar, cada xícara de plástico cheia de água, pesando sobre a toalha de papel como fora planejado. Deu um suspiro de alívio.

Agora era a parte mais difícil.

— Olá, bonecas — disse animadamente. — Está na hora do chá! Aproximou-se da toalha.

— Trouxe a chave da sorte — disse às bonecas — para garantir que nós vamos fazer um bom piquenique.

E então, o mais cuidadosamente que pôde, inclinou-se e colocou a chave gentilmente sobre a toalha. Ainda estava segurando o barbante. Prendeu a respiração, esperando que as xícaras de água na borda do poço atuassem como pesos sobre a toalha e fizessem com que esta sustentasse o peso da chave sem despencar para dentro do poço.

A chave parou no meio da toalha de piquenique de papel. Coraline largou o barbante e deu um passo atrás. Agora só dependia da mão.

Voltou-se para suas bonecas.

— Quem gostaria de um pedaço de bolo de cereja? — perguntou. — Jemima? Rosinha? Primavera? — e serviu a cada boneca uma fatia invisível de bolo em um prato invisível, tagarelando animadamente enquanto servia.

Pelo canto do olho, viu algo da cor branca de um osso correr e saltar de um tronco para outro, cada vez mais perto. Esforçou-se para não olhar.

— Jemima! — disse Coraline. — Que menina feia! Deixou o seu bolo cair! Agora tenho que ir até aí e te dar uma nova fatia! — E contornou a festinha até chegar ao lado oposto ao da mão. Fingiu limpar o bolo derrubado e dar a Jemima um outro pedaço.

E então, deslizando, correndo, avançando, ela veio. A mão, no alto da ponta dos dedos, arrastou-se pela grama alta para cima de um toco de árvore. Lá permaneceu por um instante, como um caranguejo provando o ar, e então, deu um salto triunfante, estalando as unhas na direção do centro da toalha de papel.

O tempo ralentou para Coraline. Os dedos brancos se fecharam em torno da chave negra....

E, então, o peso e o impulso da mão fizeram voar as xícaras de brinquedo de plástico; e a toalha de papel, a chave e a mão direita da outra mãe caíram na escuridão do poço.

Coraline contou lentamente bem baixinho. Chegou até quarenta antes de ouvir um som surdo vindo de muito lá embaixo.

Alguém havia lhe dito uma vez que se você olhar para o céu, do fundo de uma mina, mesmo no dia mais brilhante verá um céu noturno e estrelado. Coraline imaginou se a mão estaria vendo estrelas onde se encontrava.

Arrastou as tábuas pesadas de volta sobre o poço, cobrindo-o o mais cuidadosamente que pôde. Não queria que nada caísse ali dentro. Não queria que nada jamais saísse dali de dentro.

Então colocou suas bonecas e suas xícaras de volta na caixa de papelão em que as havia carregado. Algo lhe chamou a atenção enquanto fazia isso, e ela levantou-se a tempo de ver o gato preto aproximar-se silenciosamente em sua direção, com a cauda empinada e curvada na extremidade como um ponto de interrogação. Era a primeira vez que via o gato nos últimos dias, desde que retornaram juntos da casa da outra mãe.

O gato caminhou até ela e pulou sobre as tábuas que cobriam o poço. Então, lentamente, piscou um olho para ela.

Pulou para baixo sobre a grama alta em frente a Coraline e rolou sobre as costas em movimentos extáticos.

Coraline esfregou-lhe o pêlo macio da barriga, fazendo-lhe cócegas e o gato ronronou de contentamento. Uma vez satisfeito, rolou de frente novamente e caminhou de volta rumo à quadra de tênis, como uma porção mínima de meia-noite ao sol do meio-dia.

Coraline voltou para a casa.

O senhor Bobo esperava por ela na entrada. Deu-lhe um tapinha no ombro.

— Os ratos me disseram que está tudo bem — disse ele. — Dizem que você é nossa salvadora, Caroline.

— É Coraline, senhor Bobo — disse Coraline. — Não é Caroline. Coraline.

— Coraline — disse o senhor Bobo, repetindo seu nome para si mesmo com admiração e respeito. — Muito bem, Coraline. Os ratos pediram para te dizer que, assim que eles estiverem prontos para se apresentar em público, você vai subir para assisti-los como a primeira platéia de todas. Eles tocarão *tumpti-umpti* e *tuudol-uudol,* e dançarão e farão milhares de truques. É *isso* que disseram.

— Eu gostaria muito — disse Coraline. — Assim que eles estiverem prontos.

Ela bateu na porta da senhorita Spink e da senhorita Forcible. A senhorita Spink deixou-a entrar e Coraline foi até a sala de estar. Colocou sua caixa de bonecas no chão. Em seguida, enfiou a mão no bolso e puxou a pedra com o furo no meio.

— Tome aqui — disse. — Não preciso mais dela. Sou-lhe muito grata. Acho que ela pode ter salvado a minha vida e a morte de algumas pessoas.

Abraçou as duas bem apertado, embora seus braços mal conseguissem fechar em volta da senhorita Spink ou da senhorita Forcible, e a senhorita Forcible estivesse cheirando ao alho cru que

estivera cortando. Então, Coraline apanhou a caixa de bonecas e saiu.

— Que criança extraordinária — disse a senhorita Spink. Ninguém a abraçara daquele jeito desde quando se aposentara do teatro.

Naquela noite, Coraline ficou deitada na cama, de banho tomado, dentes escovados, com os olhos abertos olhando para o teto.

Estava quente o bastante para que ela, agora que a mão tinha ido embora, abrisse totalmente a janela. Havia insistido com seu pai para que não fechasse as cortinas.

Seu novo uniforme escolar foi colocado cuidadosamente sobre a cadeira para que ela o vestisse quando acordasse.

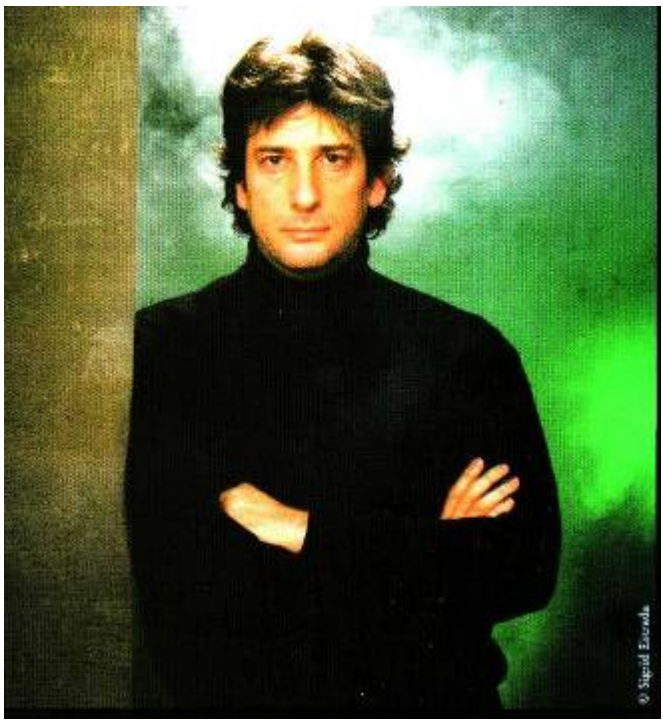
Normalmente, na noite anterior ao primeiro dia de aula, Coraline ficava apreensiva e nervosa. Mas ela entendeu que não havia mais nada na escola que a pudesse amedrontar.

Imaginou que ouvia uma música doce no ar da noite: o tipo de música que só poderia ser tocada era minúsculos trombones, trompetes e fagotes de prata, em tubas e flautins tão delicados e pequenos, que suas teclas poderiam apenas ser pressionadas pelos minúsculos dedos rosados de ratos brancos.

Coraline imaginou que voltara ao seu sonho, com as duas meninas e o menino sob o carvalho na campina, e sorriu.

Quando as primeiras estrelas surgiram, Coraline finalmente deixou-se fluir para o sono, enquanto a música suave do andar de cima, do circo de ratos, transbordou para o ar quente da noite, anunciando ao mundo que o verão estava quase no fim.

MR BOBO'S
MOUSEST



NEIL GAIMAN é o autor premiado e aclamado pela crítica de *Deuses americanos, Neverwhere, Stardust* (vencedor do American

Library Association's Alex Award, como um dos dez melhores romances para adolescentes), da coleção de ficção científica *Smoke and mirrors* e do livro infantil *The day I swapped my dad for 2 goldfish* (ilustrado por Dave McKean). É também o autor da série *Sandman* de romances em quadrinhos. Entre os numerosos prêmios que recebeu encontram-se o World Fantasy Award e o Bram Stoker Award. Nascido na Inglaterra, Gaiman vive atualmente nos Estados Unidos.

NEIL Gaiman nasceu na Inglaterra, mas mora em Minneapolis, Estados Unidos, numa casa para lá de esquisita, com a mulher, três filhos, 18, 16 e 7 anos, abóboras exóticas que cultiva no jardim, além das coleções de computadores e gatos. Atualmente está transformando *Neverwhere,* um de seus livros, em roteiro cinematográfico. É autor também de *Sandman, Good Omens, The day I swapped my dad for two goldfish, Angels & Visitations* e já recebeu diversos prêmios literários importantes por eles. DAVE MCKEAN é artista e fotógrafo, muito famoso pelo trabalho como designer em livros e capas de CD. Também responde pelas ilustrações de *The wolves in the walls,* história de Neil Gaiman, de quem é uma espécie de cúmplice há muitos anos. McKean tem desenhos angulares e traços vitorianos, o que acrescenta toques sinistros aos livros, reforçando a promessa de que sempre serão absolutamente assustadores.

Desde que quatro crianças inglesas descobriram a terra encantada de Nárnia, ninguém iniciava uma viagem fantástica num simples abrir de porta. E desde que Alice seguiu o coelho, ninguém enfrentou coisas tão extravagantes e assustadoras. Você não tem que ser criança para se render ao encanto de Gaiman em *Coraline*. Entre por essa porta e acredite no amor, na magia, e no poder do bem sobre o mal.

"Senhoras e senhores, meninos e meninas, levantem-se para aplaudir: Coraline é o que há."

Philip Pullman, autor de *Fronteiras do mundo*

"Este livro conta uma história fascinante e perturbadora que quase me matou de susto. A menos que você queira se esconder debaixo de sua cama, com o dedo na boca, tremendo de medo e fazendo toda a espécie de sons estranhos, sugiro que largue o livro devagarinho e vá procurar uma diversão mais leve, algo assim como um crime sem solução, por desvendar."

Lemony Snicket, autor de *Desventuras em série*

ISBN 85-325-1626-2
9 788532 516268